

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ANA BEATRIZ GERVASIO BARRETO

**HERESIA DE DJONGA: RESISTINDO AO RETROCESSO**  
RAP COMO CONSTRUÇÃO POLÍTICA

NITERÓI  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PRODUÇÃO CULTURAL

**HERESIA DE DJONGA: RESISTINDO AO RETROCESSO**  
**RAP COMO CONSTRUÇÃO POLÍTICA**

ANA BEATRIZ GERVASIO BARRETO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Produção Cultural.

Orientadora: **Prof. Dra. RÔSSI ALVES GONÇALVES.**

NITERÓI  
2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G386h Gervasio Barreto, Ana Beatriz  
HERESIA DE DJONGA: RESISTINDO AO RETROCESSO : RAP COMO  
CONSTRUÇÃO POLÍTICA / Ana Beatriz Gervasio Barreto. - 2024.  
58 f.: il.

Orientador: Rôssi Alves Gonçalves.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade  
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,  
Niterói, 2024.

1. Hip-hop (Cultura popular). 2. Cultura política. 3.  
Conservadorismo. 4. Produção intelectual. I. Alves  
Gonçalves, Rôssi, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.  
Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE  
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **dezoito de julho do ano de dois mil e vinte quatro**, às **dezessete horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **HERESIA DE DJONGA: RESISTINDO AO RETROCESSO - RAP COMO CONSTRUÇÃO POLÍTICA**, apresentado por **Ana Beatriz Gervasio Barreto**, matrícula **219033079**, sob orientação do(a) **Dra. Rôssi Alves Gonçalves**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Rôssi Alves Gonçalves**  
2º Membro: **Dra. Marina Bay Frydberg**  
3º Membro: **Me. Guilherme Santos**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

**Com nota final após arguição: 10,0 dez**

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

*Rôssi Alves Gonçalves*

Presidente da Banca

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a minha ancestralidade, que me conduz a escrever uma história de vida com força, fé, compaixão e gratidão. Oyá que me fez ventania para entender quando é preciso que sejamos vento forte ou brisa leve. Exu que abre meus caminhos e me guia em direção à sabedoria. Ogum que me dá força para seguir em frente.

Agradeço aos meus pais, Lucineia e André, que são exemplos de resiliência e que investiram para que minha potencialidade fosse possível, sempre me dando apoio e caminho.

Agradeço as minhas avós, que me deram colo e afago, sempre com muita sabedoria e simplicidade. Minha avó Zélia, por ser exemplo de força, sendo caminho que conduz e nos lembra de olhar para trás, com respeito a quem veio antes. Minha avó Carmem, que tenho certeza de que de onde estiver, está cuidando e vendo esse meu ciclo com a felicidade que desejávamos compartilhar em vida terrena. A primeira neta das duas a se formar em uma universidade pública. Agradeço aos meus amigos, Isis, Karina, Alexandre, Gabriela, Danilo e Yan, parceiros de vida que me acompanham e me apoiam a cada momento, seja ele de dificuldade ou de felicidade. Agradeço às minhas amigas que fiz durante a trajetória acadêmica, Letícia, Larissa, Alice e Nany, que viveram os percalços do ensino público de mãos dadas a mim, e puderam compartilhar esse percurso com força e afeto.

## RESUMO

O presente trabalho busca entender os caminhos que o cenário do gênero musical Rap perpassa para a sua crescente no Brasil nos últimos anos. Para constituir essa pesquisa, busca-se analisar a carreira musical de Gustavo Pereira Marques, conhecido pelo nome artístico Djonga, rapper que vem adquirindo grande notoriedade, construindo junto com a cena do rap um espaço para narrativas negras e marginalizadas. Busca-se então entender quais os motivos para o crescimento da cultura hip hop bem como as motivações que levaram a essa mudança no cenário musical e cultural brasileiro em contraponto ao cenário político brasileiro instaurado nos últimos anos. Objetiva-se traçar alguns caminhos do gênero, até então marginalizado, se popularizando enquanto movimento político, resistindo ao crescente conservadorismo no país.

Palavras-chave: Rap; cultura Hip Hop; Djonga; gênero musical; política; conservadorismo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Duelo de MC's no Viaduto Santa Teresa .....	31
Figura 2: Rapper Djonga .....	32
Figura 3: Comentários da música "Olho de Tigre" de Djonga .....	36
Figura 4: Manifestação contra o assassinato de refugiado congolês no Rio de Janeiro .....	37
Figura 5: Postagem temporária com dados sobre alcance do lançamento do mais recente álbum de Djonga. ....	39
Figura 6: Postagem do rapper Emicida em rede social.....	42
Figura 7: Captura de tela do grupo do Facebook "Bolsonaro Presidente (Oficial)" ....	45
Figura 8: Captura de tela do grupo do Facebook "Bolsonaro Presidente (Oficial)" ....	46
Figura 9: Captura de tela do grupo do Facebook "Bolsonaro Presidente (Oficial)" ....	47
Figura 10: Captura de tela de perfil em rede social, de apoio ao ex-presidente.....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
JUSTIFICATIVA.....	8
OBJETIVOS.....	9
METODOLOGIA .....	9
<b>1. CULTURA HIP HOP. O ATO DE SE MOVER</b> .....	10
<b>2. CULTURA E POLÍTICA - A SOCIEDADE É UM LEITE QUE AZEDOU, MAS SEMPRE SE SALVA A NATA</b> .....	18
2.1 – AGENTE CULTURAL ENQUANTO FAZEDOR DE POLÍTICA.....	22
<b>3. O MUNDO É NOSSO - Estourando as bolhas da cultura hip hop</b> .....	29
3.1 DJONGA: O MENINO QUE QUERIA SER DEUS .....	32
3.2. TALENTO NÃO GARANTE VIEW .....	39
3.3 REDES SOCIAIS E O COSERVADORISMO.....	43
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	53

## INTRODUÇÃO

Política é um construto que parte da ideia de cidadania e organização social. Trazendo para a realidade do Brasil, esta é feita a partir da construção da cidadania e da estruturação social, do país. Entendendo o histórico em que foi embasada essa construção política, podemos identificar as estruturas de poder criadas a partir disso e as divisões de classe e raça que perpetuam violências desde o Brasil Colônia. Nesse sentido, a sociedade brasileira é atravessada por séculos de problemas sociais, que nos levam a tensionar essas questões. Nasce então a necessidade de criar maneiras de tensionar e questionar essas estruturas que circundam a sociedade. Podemos realizar esse movimento através da cultura, como “fazedora” de política. Nesse lugar então o Rap como arte se estrutura através da cultura Hip Hop como meio de fazer política.

Quando falamos do movimento Hip Hop enquanto manifestação cultural, podemos retornar a sua aparição, que tem origem nos Estados Unidos em meados dos anos 70. No Brasil, tal movimento veio se popularizar apenas no início dos anos 90, e desde então tornou-se força motriz de grandes discussões a respeito da estruturação do Estado como agente de manutenção das estruturas sociais colonialistas. O rap então se põe, não somente como arte, mas como objeto de luta social, e é nesse cenário que surge um dos artistas que tem balançado essas estruturas, o rapper Djonga.

O presente trabalho irá analisar a obra do artista e sua carreira para entender como e em que momento o artista se consolidou como mais do que um rapper, traçando um paralelo com o caráter político da cultura hip-hop. Em seguida, a partir de fontes históricas, entender se as disputas políticas atuais favoreceram a consolidação do hip-hop enquanto instrumento político.

Início o trabalho apresentando a história do movimento Hip Hop, que se inicia nos EUA na década de 70, trazendo nomes que marcaram esse início, ultrapassando a dimensão da arte, chegando ao movimento cultural como objeto de representação da cultura negra e de exposição do lugar social de quem compartilha desse movimento. Ainda nesse capítulo falo sobre a chegada do movimento no Brasil, como

espaço de reconhecimento e de voz sócio-política, do engajamento a partir da representatividade e denúncia.

No segundo capítulo, discorro sobre o sujeito que/ para quem, é construído o movimento Hip Hop. Nesse sentido, a discussão fala sobre raça e classe e ainda do lugar ocupado pelos fazedores de cultura, de Rap. Ao falar de cultura e sociedade, traço um breve paralelo entre Hip Hop e o Tropicalismo durante a década de 60 no Brasil e então volto a falar sobre cultura e política como indissociáveis pela ação do ser fazedor de arte.

Por último, abordo a importância do Rap, como ato político, ilustrando com o rapper Djonga, que ganha notoriedade questionando o Estado e a estrutura social, através de suas rimas políticas. Apresento também a crescente do conservadorismo como uma reação ao progresso da sociedade, reiterando que apesar de ser um forte movimento atual da sociedade, a cultura Hip Hop segue construindo pontes para discutir as estruturas coloniais que insistentemente somos tensionados a reviver.

Tendo elucidado o tema e capítulos, esclareço como a pesquisa se deu a partir dos tópicos: objetivos; justificativa; metodologia.

## JUSTIFICATIVA

Durante toda minha trajetória de vida, sempre me interessei por diferentes manifestações culturais. Mulher negra, filha de uma mãe: arquiteta, pintora e artista plástica - desde muito nova tive contato e incentivo em me aproximar do campo das artes. Dentre outras manifestações culturais, a música sempre fez parte da minha trajetória e, já na adolescência, ocorre o contato com a cultura hip-hop, e dentre as suas manifestações, foi com as músicas de Rap que mais me identifiquei e pude me aproximar. Após essa aproximação e já ingressante no curso de produção cultural, começo a questionar o lugar que esse gênero musical ocupa dentro dos espaços midiáticos brasileiros.

Como, em um espaço tão curto de tempo, o rap, que ocupava um espaço de "*underground*", atingiu um patamar de gênero que ocupou já algumas vezes o topo de visualizações em serviço de streaming e vídeos. Entender esse movimento é entender

como o setor dessa indústria se movimentou no Brasil, a partir do estudo de um caso específico.

## OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral, relacionar a história do movimento hip-hop com o atual momento do movimento no Brasil e suas nuances políticas, em especial a pauta racial. Como objetivos específicos, tem-se: 1. Entender a popularização do gênero no Brasil; 2. Debater a cultura, em especial a cultura Hip Hop como tensionadora de política no Brasil; e 3. Compreender os motivos que levam o rapper Djonga a ser, não somente músico, como voz de luta social.

## METODOLOGIA

A pesquisa se inicia a partir do levantamento histórico da cultura Hip Hop, buscando entendê-la como força política. Realizando também um panorama a respeito da sociedade brasileira, costurando com letras de músicas que falam da questão social e racial. Assim, a pesquisa tem natureza exploratória através de produções audiovisuais como documentários e/ou filmes, entrevistas e artigos que falem sobre a história do hip-hop e análise qualitativa dos dados.

O debate teórico baseia-se na análise do documentário “Hip Hop Evolution”, que auxiliará na construção da análise histórica da cultura hip hop, bem como do gênero musical rap. Além disso, será utilizado de teses, artigos e dissertações para pontuar os desdobramentos dos tocantes da dissertação. Também foi selecionado para a pesquisa a dissertação “Música e Política - Percepções da vida social brasileira no Rap” (2011) de Roberto Camargos, que auxiliará traçando um paralelo entre o gênero musical e a política, procurando construir um entendimento entre o cenário cultural e político recentes. Serão utilizadas também, citações a teóricos que falem sobre a estrutura do conservadorismo, pesquisas a respeito da estruturação da sociedade brasileira atual.

## 1. CULTURA HIP HOP. O ATO DE SE MOVER

*“O rap é compromisso, não é viagem  
Se pá fica esquisito, aqui, Sabotage.”  
(SABOTAGE)*

“Rap é compromisso”. Falar de Rap é falar de compromisso com a história, com a coletividade e com a representatividade. Acompanhado pela atmosfera política e social, o gênero é muito mais do que musicalidade, é luta, mobilização, movimento. Para falar de Rap precisamos antes, falar do Movimento Hip Hop.

Segundo o dicionário a palavra “movimento” significa:

*substantivo masculino*

1. ato ou efeito de mover(-se).
2. conjunto de ações de um grupo de pessoas mobilizadas por um mesmo fim. "m. contra o tabagismo"<sup>1</sup>

Quando falamos do movimento Hip Hop, o que vem à cabeça é o envolvimento, majoritariamente cultural, que esse movimento tem, que faz jus a sua história. Mas o que proponho aqui é não somente falar sobre cultura, mas abordar os aspectos políticos intrínsecos a esse movimento. Afinal não podemos falar de cultura sem falar de política.

Sendo assim, pode-se começar pelo princípio mesmo, o princípio do movimento Hip Hop, que se inicia na década de 70 nos Estados Unidos da América e se constrói baseada na essência da palavra “movimento”. O ato de mover se iniciou a partir do desejo de reconhecimento e pertencimento. No auge da década, Nova Iorque era cercada por bailes de disco, enquanto em um canto específico da cidade, uma parte da população estadunidense, que foi separada politicamente da realidade americana - a partir das leis *jim crow*<sup>2</sup>, e que resultou em uma separação espacial - vivia marginalizada nos guetos americanos, vivendo entre a pobreza e descaso político. Essa realidade vivida, descolada dos centros badalados onde jovens aproveitavam bailes, despertou nessa parcela da população, o desejo de ocupar e se

---

<sup>1</sup> Definição retirada do dicionário do Google, *Oxford Languages*.

<sup>2</sup> Por volta dos anos 50 nos EUA, o governo criou as chamadas leis Jim Crow, que promoviam a segregação racial, que legalmente excluía os negros de trabalhos e espaços físicos, de moradia ou públicos.

reconhecer nos próprios espaços. Assim surge a primeira festa Hip Hop, promovida pelo dj Kool Herc, que comandava as pistas com o seu jeito de remixar discos de vinil e focar nas batidas das músicas. O jamaicano Clive Campbell, conhecido como Kool Herc, é considerado o pai do Hip Hop, que nos anos 70, nos EUA, deu início a difusão do Hip Hop e o desenvolvimento de várias técnicas e expressões que fazem parte da cultura. Mesclando os ritmos de artistas pretos, que não eram comumente ouvidos nas rádios dos EUA, Kool Herc subverteu o que era vivido até então pela juventude preta e pobre de Nova York, sendo grande contribuinte do movimento Hip Hop.

Os mcs, mestres de cerimônias, que de início, acompanham o Dj, usando microfones para falar com o público e agitar as festas, surgem no mesmo momento em que as festas de Kool Herc “incendeiam” o Bronx (bairro considerado “berço da cultura Hip Hop”, que representa espacialmente essa configuração racial e social em Nova Iorque citada anteriormente). O primeiro Mc é Coke La Rock, que foi par de Herc como fundador da cultura Hip Hop, precursor da cultura de MC’s, mandando recados ao público, enquanto Kool Herc fazia sucesso nas picapes. Com a sua habilidade nas rimas e em animar a plateia das festas, Coke La Rock revolucionou as festas de Hip Hop. O uso do microfone passou, então, a fazer parte das festas.

Outro importante componente dessas festas era o público. A composição do público das festas de Hip Hop já anunciava o caráter coletivo e aquilombado que a cultura Hip Hop carrega. Era composto por jovens, majoritariamente negros, que viviam nessa área e sobreviviam daquela realidade, que por vezes se envolviam com drogas e gangues (aqui não desejo, em nenhum momento, fazer apontamentos a respeito do que é considerado certo ou errado).

Esse era o movimento, uma semente foi plantada no meio dos jovens em polvorosa pelo que essas festas poderiam promover; reconhecimento, pertencimento e a possibilidade de viver outra realidade naqueles momentos, e assim surge Afrika Bambaataa.

Bambaataa, (Lance Taylor) é um dj, produtor musical e ativista estadunidense, nascido no Bronx, que inicialmente fazia parte de uma gangue chamada *Black Spades*, uma das mais violentas da época. O dj, passou a ser reconhecido por ser um dos expoentes iniciais da cultura de rua, surge com um desejo: comandar as pistas de danças e trazer paz e união (sic) para a juventude do Bronx que era totalmente envolvida na realidade marginalizada que incluía gangues que, por vezes guerreavam

pelo mesmo espaço, o que acabava por ser fatal a alguns membros. Isso denota bastante o espaço em que o Hip Hop foi fundado, com o intuito de transformar essa realidade.

Nesse processo, movimentos políticos se envolvem nessa realidade para compactuar com essa mudança de paradigma. Movimentos negros, de luta popular, pregavam a irmandade dentro das comunidades, a vida de jovens negros estava sendo apartada por eles próprios.

A presença de Bambaataa na história do Hip Hop é de extrema importância para a mudança de paradigma sobre o que se pretendia. Afrika Bambaataa, estampando em seu nome sua referência à ancestralidade, cria o grupo Zulu Nation, que era composto por diversos membros de gangues que rivalizam na época. Zulu Nation, trouxe referência sobre ideais de comunidade, reivindicando a paz entre os grupos e criando uma atmosfera onde todos se sentiriam pertencentes e com o desejo de fazer parte, o que mudaria para sempre a história de cada pessoa que teve contato com o grupo.

Em paralelo, em outro lado do Bronx, um jovem decidiu se arriscar nas picapes e transformar os sons dos discos em algo que revolucionaria o ritmo hip hop, Grandmaster Flash. Grandmaster (Joseph Saddler), cresceu no Bronx e é conhecido como sendo um dos precursores da mixagem de disco. Ele surge mixando os discos e transformando as batidas em algo que contagiou o público das festas e diante disso se juntou com o primeiro grupo de Hip Hop: Grandmaster Flash & The Furious Five, que propunha juntar o som das mixagens nas picapes, com letras cantadas e rimadas por 5 jovens (Melle Mel, The Kidd Creole, Keith Cowboy, Mr. Ness/Scorpio e Rahiem), os Furious Five, dominando as festas de Hip Hop. Como podemos ver na série documental *“Hip Hop Evolution”*(2016)<sup>3</sup>, é a partir daí que o grupo, além de conquistar novos territórios, encorajou outros jovens a se aventurarem no Hip Hop, enquanto grupos que batalhavam em rimas para conquistar a plateia. O alvoroço que isso causou no final da década de 70 consagrou as rimas e o impacto pôde ser percebido quando os grupos extrapolaram o público comum às festas de Hip Hop e foi parar em meio a festas de jovens brancos do outro lado da cidade. Assim inicia uma fase na cultura Hip Hop, a partir da consolidação do RAP (*rhythm and poetry*) como parte fundamental dessa expressão cultural.

---

<sup>3</sup> “Hip Hop Evolution”. Bascuñán & Wheeler, EUA, 2016.

Ainda na série “*Hip Hop Evolution*” (2016)<sup>4</sup>, podemos ver que, enquanto os sons e festas produzidos iam a todo vapor, rimas sendo construídas para a diversão de todos, Bronx ainda enfrentava um grande problema, o esquecimento político, o desemprego, a violência e a guerra às drogas por todo aquele lado da cidade. Esse panorama vivido naquela parte de Nova Iorque motivou *Grandmaster Flash & The Furious Five* a escrever a música “*The Message*” que viria a ser o primeiro grito à realidade da periferia nova iorquina a respeito da situação em que a população se encontrava naquele momento.

Don't push me 'cause I'm close to the edge  
 I'm trying not to lose my head  
 It's like a jungle sometimes  
 It makes me wonder how I keep from going under  
 It's like a jungle sometimes  
 It makes me wonder how I keep from going under

Não me pressione, pois já tô no meu limite  
 Tô tentando não perder a cabeça  
 Isso é como uma selva, às vezes  
 Isso me faz pensar como é que consigo suportar  
 Isso é como uma selva, às vezes  
 Isso me faz pensar como é que consigo suportar<sup>5</sup> (GRANDMASTER FLASH & THE FURIOUS FIVE, 1982, *The Message*)

A letra da música manda literalmente uma mensagem a quem se recusava a perceber o que acontecia naquele canto da cidade. Era a primeira vez que as pessoas efetivamente percebiam a mensagem política que vinha a se tornar um dos pilares do movimento Hip Hop.

No Brasil, apesar de ter sua trajetória um pouco mais difusa, o movimento Hip Hop é incorporado à construção cultural brasileira através da procura de jovens por ritmos estrangeiros que unissem a vivência a um espaço de curtição. Podemos observar, no DVD “1000 trutas, 1000 tretas” de Racionais MCs <sup>6</sup>, por exemplo, a partir dos relatos de pessoas que vivenciaram essa movimentação na cidade de São Paulo, como as múltiplas referências de sons, trazia essa atmosfera de reunião e diversão para os jovens da época, que eram em sua maioria negros. Bailes “*Black*” dominavam toda São Paulo, que “fervia”, não somente com a chegada de sons e a efervescência

---

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> “*The Message*” de Grandmaster Flash & The Furious Five, EUA, 1982  
 <<https://www.letras.mus.br/grandmaster-flash/16946/traducao.html>>

<sup>6</sup> “Extra DVD ‘1000 trutas, 1000 tretas’”. Racionais MC’s, São Paulo, 2006  
 <<https://www.google.com/url?q=https://www.youtube.com/watch?v%3DslwalSi03g8&sa=D&source=docs&ust=1717537276143075&usg=AOvVaw0G2nOINxgFUfqUcD6bvms4>>

da juventude da época, como também pela realidade um pouco mais complexa e desafiadora social e politicamente, assim como ocorreu nos primórdios do Hip Hop no Bronx. Novamente, pode-se observar que a busca por união, representatividade e pertencimento, impulsionou o que hoje entendemos como cultura das ruas, o movimento Hip Hop, no Brasil.

Voltando a falar um pouco mais sobre a importação de ritmos e os bailes Blacks, ritmos como soul, funk e até a dança break, reuniam jovens pela diversão e a inovação que traziam. O repertório dos bailes era marcado pelo sentimento de representatividade, apesar da preocupação naquele momento ser atrelada, mais superficialmente, a música boa e a curtição das danças. As batidas perfeitas do soul, do funk, traziam nomes que impactaram a juventude, como James Brown, Aretha Franklin. O rap, também importado para bailes blacks, também mexia com a juventude. Na pesquisa realizada por João Felix, em sua dissertação de mestrado, pode-se observar que o Rap era um ritmo de bastante impacto para os jovens da época:

A preferência musical internacional dos homens dos dois bailes recaiu sobre o rap em primeiro lugar, seguido pelo pop, pelo soul music, a seguir o reggae 58, o Rhythm and Blue (R&B)59 e por último o ragga ou raggamuffin 60. O interessante aqui é terem ficado em primeiro lugar, no Clube da Cidade, o grupo rapper "Public Enemy" e o astro pop "Michael Jackson". Já no Espaço Atual "Public Enemy" continuou em primeiro e o cantor pop foi para a terceira colocação (FÉLIX, 2000, pg.69)

Apesar dessa preferência, ainda assim, o rap não era visto de uma forma claramente política e de denúncia das mazelas sociais. O reconhecimento e o entendimento do rap, chegaram para as pessoas não somente do contato constante com esse ritmo, mas também com a identificação que as músicas traziam através de seus clipes a realidade vivida nas periferias do Bronx. Inicialmente, para o público dos bailes blacks, o rap era pouco compreendido, suas rimas de denúncia, suas letras não eram entendidas por conta da barreira linguística. Mas a partir do momento em que o público passou a ter contato com a imagética dos clipes, a identificação se tornou inevitável - pessoas negras, encenando violência, policial, social, mostrando a precariedade das periferias estadunidenses - isso despertou algo que viria a ser a construção do Rap no Brasil.

Um grande nome dos bailes blacks na década de 80 no Brasil, Dj Luizão começou a exhibir em seus bailes, chamados "Chic Show", clipes das músicas que eram tocadas nos bailes e isso complementou aquela mentalidade que já existia na

mente de quem realizava e frequentava os bailes blacks. Afinal, a busca por reconhecimento, como dito anteriormente, já era o mote que explicava inicialmente a criação desses bailes.

A Chic Show passou a exibir, algumas vezes, junto com a música, os clips de divulgação. Vendo as imagens transmitidas por estes vídeos as pessoas passaram a perceber que quase todas as músicas dos 'tagarelas' falavam de negros (tanto pobres como ricos), de violência policial, de discriminação racial, de preconceito racial e de racismo; temas muito conhecidos por eles. Quando não apareciam cenas semelhantes, chamava a atenção o fato de que as personagens dos clips eram sempre negras. (FÉLIX<sup>7</sup>, 2006 *apud* CAMARGOS DE OLIVEIRA, 2011, P.30)

A partir dessa identificação, conseguimos ver as primeiras movimentações na cena musical que construíram o que é o Rap hoje. Nesse início temos Thaíde, jovem da periferia de São Paulo, que iniciou no movimento Hip Hop como dançarino de break nas estações de metrô e que passou a produzir letras que abordassem sua vivência ao se juntar com Dj Hum, seu contemporâneo que dominava as picapes na época.

Você não sabe de onde eu vim  
 E não sabe pra onde eu vou  
 Mais pra sua informação vou te falar quem eu sou  
 Meu nome é thaíde  
 E não tenho r.g.  
 Não tenho c.i.c.  
 Perdi a profissional  
 Nasci numa favela  
 De parto natural  
 Numa sexta feira  
 Santa que chovia  
 Pra valer  
 Os demônios me protegem e os deuses também  
 Ogum, iemanjá e outros santos ao além  
 Eu já te disse o meu nome  
 Meu nome é Thaíde  
 Meu corpo é fechado e não aceita revide, Thaíde ...  
 Na 43 eu escrevi o meu nome numa cela  
 Queimei um camburão  
 Que desceu na favela  
 Em briga de rua já quebraram meu nariz  
 Não há nada nesta vida que eu já não fiz  
 Vivo nas ruas com minha liberdade  
 Fugi da escola com 10 anos de idade  
 As ruas da cidade foram minha educação  
 A minha lei sempre foi a lei do cão  
 Não me arrependo de nada que eu fiz  
 Saber que eu vou pro céu não me deixa feliz<sup>8</sup> (THAYDE E DJ HUM, 1992, Corpo Fechado).

<sup>7</sup> FELIX, João Batista de Jesus. Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p.72.

<sup>8</sup> "Corpo Fechado". Thayde e Dj Hum. Humildade e Coragem São Nossas Armas Para Lutar. São Paulo, TNT Records, 1992. <<https://www.letras.mus.br/thaide-e-dj-hum/186792/>> acesso 10 de novembro de 2023.

Com letras que denunciam a realidade vivida, surgem na mesma época os Racionais MC's, grupo de rap que surge no final dos anos 80 em São Paulo e é composto pelos mais importantes e influentes rappers no cenário musical brasileiro, Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves), KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões), e Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), precursores da rima de denúncia, com suas letras que falavam muito das suas vivências e das de jovens da época. Os Racionais iniciam a carreira com a música “Pânico na Zona Sul”, primeira música de sucesso do grupo, já dizendo o que pretendem abordar:

Racionais vão contar  
 A realidade das ruas  
 Que não media outras vidas  
 A minha e a sua  
 Viemos falar  
 Que pra mudar  
 Temos que parar de se acomodar  
 E acatar o que nos prejudica  
 O medo  
 Sentimento em comum num lugar  
 Que parece sempre estar esquecido  
 Desconfiança insegurança mano  
 Pois já se tem a consciência do perigo  
 E aí?  
 Mal te conhecem consideram inimigo  
 E se você der o azar de apenas ser parecido  
 Eu te garanto que não vai ser divertido  
 Se julgam homens da lei  
 Mas à respeito eu não sei  
 Muito cuidado eu terei  
 Scraeth KLJay  
 Eu não serei mais um porque estou esperto  
 Do que acontece Ice Blue  
 Pânico na Zona Sul<sup>9</sup> (RACIONAIS MC'S, 1989, Pânico na Zona Sul)

Segundo Roberto Camargos (2011), é mais propriamente a partir do início dos anos 90 que o Rap toma sentido a partir da vivência e anseios de quem o forja. As letras construíam a identidade de quem cantava e falava sobre suas experiências vivendo em sociedade a partir da poesia e estética do Rap: “[...] Foi a forma instituída por uns tantos jovens para lidar com suas experiências e leituras de mundo numa chave poética/estética, exprimindo sua relação com a sociedade em que viviam e celebrando a vida social”.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> “Pânico na Zona Sul”. Racionais Mc's. Consciência Black – Volume 1. São Paulo, Boogie Naípe, 1989. < <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63443/> > acesso em 10 de novembro de 2023

<sup>10</sup> CAMARGOS DE OLIVEIRA, Roberto. Música e Política: Percepções da vida social brasileira no Rap. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p.37.

Ainda, reforçando esse caráter social, a cultura do Rap, segundo Camargos (2011), tinha e ainda tem, uma preocupação em passar uma mensagem através das rimas:

a principal preocupação de um compositor de rap deveria ser a informação, a denúncia, o protesto, em suma, o engajamento. O que diz o rapper Mano Brown, ao apresentar ao público o grupo Conexão do Morro, ilustra bem essa postura: “[ele] abre mais um capítulo na história do rap, ou do hip hop, como muitos preferem chamar. Pra mim é indiferente; é que nem falar preto e negro: pra mim é indiferente. Importante é o que eu sou, o que o rap representa, a mensagem. A mensagem é maior do que tudo, é maior do que eu, é maior do que as roupas, é melhor do que quem tá recebendo o aplauso. A mensagem, ela é tudo.” (CAMARGOS DE OLIVEIRA, 2011, p. 65)

Até aqui conseguimos entender o que o ato de se movimentar representou na história do Hip Hop. A construção musical, que chega da Jamaica aos guetos do Bronx em Nova Iorque, atrelada à necessidade de representatividade, reconhecimento e justiça social, fez com que o Hip Hop surgisse e se movimentasse para além das fronteiras estadunidenses e chegasse ao Brasil, incorporando a voz de jovens negros e periféricos brasileiros que construíram em cima da identidade nacional uma cultura que não envolve somente ritmo, mas também a luta social e política dessas vidas, até hoje.

## 2. CULTURA E POLÍTICA - A SOCIEDADE É UM LEITE QUE AZEDOU, MAS SEMPRE SE SALVA A NATA.

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.  
Aqui estou, mais um dia.  
Sob o olhar sanguinário do vigia.  
Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma Hk.  
Metralhadora alemã ou de Israel.  
Estraçalha ladrão que nem papel.  
Na muralha, em pé, mais um cidadão José.  
Servindo o Estado, um Pm bom.  
Passa fome, metido a Charles Bronson.<sup>11</sup> (RACIONAIS MCS, 1997, Diário de um detento)

Vê-se, através da história do movimento Hip Hop que a política atravessa a produção de cultura, por meio da construção dos sujeitos que participam da cultura e de suas vivências e histórias individuais e coletivas, sendo esse sujeito, o negro brasileiro. Mas como podemos explicitar a política estando intrinsecamente ligada às injustiças sociais abordadas nas letras de Rap e no movimento Hip Hop como um todo?

Para falar sobre a política envolvida no movimento, cabe fazer uma análise do sujeito por e para quem é feita cultura Hip Hop, em aspectos sociais e políticos.

A partir do entendimento de que a cultura Hip Hop surge nas periferias, num objetivo coletivo de reconhecimento e representação, e não obstante de questionamento, entendemos que o sujeito a quem ela se dirige é quem ocupa esse mesmo espaço físico e social. Quando se faz o recorte das periferias dos estados do Brasil, conseguimos entender que quem ocupa esse espaço, majoritariamente, são pessoas negras.

Historicamente, quando olhamos os dados apurados sobre habitação, renda e ocupação do espaço urbano, entendemos que no Brasil, negros (pretos e pardos) constituem a maior parte da população brasileira, cerca de 56%.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> “Diário de um detento”. Racionais Mcs. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo. Cosa Nostra Fonográfica, 1997 <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63369/> acesso em: 10 de novembro de 2023

<sup>12</sup> Segundo divulgado pelo IBGE em 2022. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclararam-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>

Desses 56%, seu maior número faz parte da população mais pobre. A concentração de renda entre brancos escancara essa desigualdade. Quando vamos mais a fundo nesses dados, podemos perceber que isso influencia a ocupação do espaço urbano, que é composto por uma grande concentração populacional, onde grande parte das pessoas negras (pretas e pardas) ocupam as periferias, o espaço que é financeiramente possível para essa parte da população.

Nas periferias, enxergamos onde se concentra a maior taxa de vulnerabilidade social, sendo assim, menor acesso à saneamento básico, condições de moradias dignas e acesso a políticas públicas, já que estes espaços são compostos por assentamentos precários, sem estrutura e construídos pela própria população de baixa renda que pretende habitá-lo.<sup>13</sup>

Quando entramos nos termos da violência que acomete esse recorte populacional, é possível entender que, pela ausência de políticas públicas que corroborem para a diminuição das disparidades dentro do território brasileiro, a vulnerabilidade social impõe que esses territórios sejam ocupados por suas próprias políticas e formas de organização social. A partir disso, quando o Estado decide intervir nesses territórios, a existência das pessoas que ali habitam, passa a ser um incômodo, mais que isso, um perigo a alguns setores da população brasileira que não vivenciam essa sociedade e passam a tratar essa questão como um binarismo: nós *versus* eles. Sendo assim, além da violência social, causada pela ausência do Estado como organizador e provedor, o que se pode ver é a violência estabelecida pelo Estado, quando este decide se fazer presente nesses espaços periféricos com o intuito de combater o que ali se organiza (tráfico de drogas) e impor a sua supremacia. Aqui não há uma intenção de apoiar ou fazer apologia às organizações criminosas e paramilitares que se colocam como força de Estado nos territórios periféricos, mas sim de explicitar que a ausência do Estado gera um ambiente propício para que a população se organize à sua maneira e que as leis ali se apliquem de forma que atendam a periferia.

---

<sup>13</sup> [as condições citadas a respeito das áreas periféricas, podem ser encontradas em muitos artigos e reportagens, porém coloco aqui o artigo que utilizei como exemplo] “Quase que compulsoriamente as regiões mais periféricas se converteram em opção única para segmentos com ganhos insuficientes e instáveis. Proliferaram bairros caracterizados pela ocupação não regularizada dos espaços urbanos, com registros imprecisos e completamente desprovidos de serviços públicos essenciais”. CEZAR DE FREITAS, Marcos; HENRIQUE DE MECENA, Elizane. Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 10, n. 1, p. 195-203, Jan. 2012.

Entendemos então, que a inexistência de políticas públicas que corroborem com a diminuição das desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira, sentencia uma parte da população a viver à margem e reforça o não-lugar das pessoas negras na sociedade.

A partir desse cenário de vulnerabilidade é que vozes se levantam para buscar difundir a realidade periférica que, por mais comum que seja, não é cuidadosamente observada por toda a sociedade. A cultura que circula nas vielas das favelas, busca não só escancarar o que acontece por ali, mas também trazer força para aquelas realidades existentes ali.

E quando falamos da realidade periférica, falamos de periferia para além da organização territorial. Adentrando no conceito, entende-se que a periferia é um espaço de demarcação social do sujeito, que se refere à raça e classe e é antítese a quem não ocupa esse lugar social. Sendo assim, a periferia é também um construto que independe da sua territorialidade, “periferia é periferia em qualquer lugar”<sup>14</sup> e, portanto, torna-se, também lugar de pertencimento político e cultural.

Tendo isso em vista, a periferia então é, como dito anteriormente, alvo das forças do Estado por representarem um obstáculo ao “bem-estar social” de quem faz parte dos interesses políticos da sociedade. A existência de quem vive ali é constantemente reprovada pelo Estado quando esse aplica sistematicamente a força bruta e decide que quem existe ali não é merecedor da participação da dinâmica social e deve ser combatido como o inimigo.

A cultura Hip Hop, então, floresce nas periferias brasileiras, a partir de seu princípio norteador, uma cultura de representatividade, resistência e reafirmação do sujeito como um ser político, que busca explicitar as violências cometidas pelo Estado e contar sobre suas vivências. O movimento acaba por gerar mais movimento ao questionar e confrontar a política brasileira.

Eu sigo naquela fé  
 Que talvez não mova montanhas  
 Mas arrasta multidões e esvazia camburões  
 Preenche salas de aula e corações vazios  
 E ainda dizem que eu não sou Deus, porra, eu faço milagres!  
 É que eu sou de lá, fi, onde querem quilates  
 E se mata por mina, de buceta ou de ouro  
 Se é que você me entende  
 Em qualquer beco do morro  
 Quem faz justiça não é Sérgio Moro, morô?

<sup>14</sup> Verso da música “Brasília Periferia” do rapper GOG. 1994.  
 <<https://www.letras.mus.br/gog/339360/>>

Será que eu sou só mais um negro fútil?  
 Já que pra salvar o mundo essas corrente é nada útil  
 Mas não posso ficar sozinho que bate a neurose  
 O sábio sobre a saúde do mundo diz que é só virose  
 O que adianta eu preto rico aqui em Belo Horizonte  
 Se meus iguais não podem ter o mesmo acesso à fonte?  
 Eu já fui ponte, agora só querem passar por cima  
 Algo te explica por que quando eu canto esquenta o clima?  
 Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho  
 Corpos negros no trono, me sinto olhando o espelho  
 Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho  
 Que corpos negros nunca mais se manchem de vermelho<sup>15</sup> (DJONGA, 2019, Falcão)

Surgem nas periferias representantes da cultura Hip Hop que ao se popularizarem, ascendem socialmente. Apesar disso, o alvo do Estado, continua sendo o sujeito periférico e negro e a partir daí podemos observar que mesmo que esse sujeito saia da periferia e migre para onde as políticas públicas sejam efetivas e pensadas, o racismo continua o atingindo.

Trago como exemplo o rapper Lennon, um dos artistas mais ouvidos do gênero Hip Hop, ascendeu socialmente a partir do seu trabalho, mas ainda sofre com a violência do Estado. O artista foi parado em várias blitzes policiais pelas quais passou em 2021: “Isso me cansa. Não é uma vez ou outra. Se eu passar em 10 blitzes no mesmo dia, eu vou ser parado nas 10 blitzes. Ou seja, isso é cansativo para mim. É cansativo para quem vê nas minhas redes, mas imagina para mim?”<sup>16</sup>. Apesar de ter notoriedade na cena da cultura Hip Hop, que o faz alcançar outros espaços sociais, o músico continua sendo alvo do racismo.

Tirando lazer de Porsche  
 Peita da Lost e tudo  
 Movimento suspeito, pediram pra encostar  
 O doc tá no meu nome, é o que te deixa puto  
 Só pode ser brincadeira  
 Começa a perguntar  
 Tem coisa errada na fita  
 Filhão, cê tá com quem?  
 Sou eu por eu, doutor  
 Sei, parece conto de fada<sup>17</sup> (DJONGA, 2020, Hoje não)

A partir dessa constatação, é que o Rap reitera seu valor político-social, através da voz de artistas que rimam sobre a realidade e evocam um sentimento de

<sup>15</sup> “Falcão”. Djonga. Ladrão. Minas Gerais. Ceia, 2019 <<https://www.lettras.mus.br/djonga/falcao/>> acesso em 20 de novembro de 2023

<sup>16</sup> Matéria sobre as abordagens policiais que o rapper Lennon passa. < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/29/rapper-lennon-fala-de-racismo-e-desabafa-apos-levar-dura-da-policia-na-zona-sul-do-rio-me-cansa.ghtml>> acesso em 03 de julho de 2024.

<sup>17</sup> “Hoje Não” . Djonga, Coyote Beats. Histórias da minha área. Minas Gerais. Ceia. 2020 < <https://www.lettras.mus.br/djonga/hoje-nao/>> acesso em 20 de novembro de 2023.

indignação com o Estado brasileiro, que privilegia uns em detrimento da força de trabalho e, por que não, da dor, de outros.

Nesse sentido, entendemos que o Rap, é composto pelo “sujeito engajado”<sup>18</sup>, que busca na prática cultural, explicitar e tensionar suas vivências e valores, no intuito de fortalecer seus semelhantes, e que acaba por fim sendo instrumento de luta social e como “fazedor” de política. É nesse lugar que, segundo Roberto Camargos (2011), o rapper se apoia, através da cultura como meio de expressão, e transformação social, engajando os sujeitos que são impactados por seu fazer cultural.

Os rappers, nesse sentido, acabaram por consolidar representações que foram fundamentais na recepção de suas obras e criaram, ao mesmo tempo, valores que se constituíram em balizas para a sua produção. Boa parcela deles se entregou à tarefa de legitimar suas produções como expressão de atitudes críticas, atreladas a experiências, valores e posicionamentos ideológicos que foram logo tomados como instrumentos de formação de opinião. Assim, influenciaram o modo de pensar e agir de agentes sociais que lhes foram contemporâneos e que passaram a compartilhar da noção que elege a cultura rap como ação político-pedagógica que tem como um dos objetivos fazer “enxergar as coisas de um modo mais crítico e ao mesmo tempo esperançoso [...] passar uma mensagem de protesto com o intuito de obter algo melhor || na frente” (2011, p.63)<sup>19</sup>

O rap, então, por representar a cultura periférica, carregado de questionamentos, políticos e sociais, acaba sendo alvo de políticas de perseguição ao que a cultura se propõe.

## 2.1 – AGENTE CULTURAL ENQUANTO FAZEDOR DE POLÍTICA

Desde sempre, a arte e a cultura carregam um teor questionador que coloca a política “contra a parede”. Na época do golpe militar de 1964, a ditadura, artistas utilizavam a arte como instrumento de reivindicação de direitos, luta social e expositor da realidade que era vivida naquele momento; e por esse motivo tivemos artistas perseguidos e exilados pelo Estado.

Quando Pero Vaz Caminha  
 Descobriu que as terras brasileiras  
 Eram férteis e verdejantes  
 Escreveu uma carta ao rei  
 Tudo que nela se planta  
 Tudo cresce e floresce  
 E o Gauss da época gravou

<sup>18</sup> CAMARGOS DE OLIVEIRA, Roberto. Música e Política: Percepções da vida social brasileira no Rap. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p.63

<sup>19</sup> *Ibid.*

Sobre a cabeça, os aviões  
 Sob os meus pés, os caminhões  
 Aponta contra os chapadões  
 Meu nariz  
 Eu organizo o movimento  
 Eu oriento o Carnaval  
 Eu inauguro o monumento  
 No Planalto Central do país  
 Viva a Bossa, sa, sa  
 Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça  
 Viva a Bossa, sa, sa  
 Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça<sup>20</sup> (CAETANO VELOSO, 1968, Tropicália)

Quando Caetano Veloso canta em “Tropicália” em seus versos um país em que “Tudo cresce e floresce”, ele canta sobre um Brasil imaginado, que é visto como um lugar idealizado pela parcela da população que se beneficia do escárnio da parcela mais pobre da sociedade brasileira. Em sua letra ele zomba desse ideal e em meio ao mix de referências de outros ritmos, ele expõe, de forma velada o que estava sendo instituído no Brasil em meio aos anos 60.

O reconhecimento da cultura como parte fundamental da construção política do país, ganhou dimensão maior nessa época, onde a repressão silenciava e exilava intelectuais e artistas, esses agentes culturais que lutavam por um Estado democrático de direito. O Ministério da Cultura surge em 1985, no processo de redemocratização do Brasil, a partir do movimento desses intelectuais e artistas que buscavam também a anistia de presos políticos da ditadura militar. O caminho para o entendimento da cultura como parte da construção política da sociedade, vem justamente pela luta constante de agentes culturais por uma sociedade que atende aos interesses do coletivo, buscando um bem estar social.

A partir desse estabelecimento da Cultura como parte integrante da política brasileira, esse caráter questionador existente desde sempre toma corpo para que estruturadamente continuemos a fazer política, também pela arte. Sendo assim, os agentes que promovem arte passam a ser os importantes agentes que promovem mudanças sociais.

Podemos traçar um paralelo entre o movimento Hip Hop e o movimento Tropicalista, que surgiu na época da ditadura militar, encabeçado por alguns artistas como: Gilberto Gil, Jorge Ben Jor; Caetano Veloso, que combinava elementos culturais da música brasileira, com uma estética estrangeira, do rock e do pop, com o

---

<sup>20</sup> “Tropicália”. Caetano Veloso. Caetano Veloso. Philips Records, 1968.  
 <<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44785/>> acesso em 15 de junho de 2024

intuito de fazer da arte, da cultura um objeto de luta e oposição à censura. Em suas letras existiam denúncias sobre o momento vivido, como citado na letra de “Tropicália”, nos parágrafos acima. Nesse movimento pode-se ver a arte e cultura como parte fundamental para a luta e a oposição ao contexto social e político da época. Partindo desse ponto, conseguimos enxergar também no movimento Hip Hop, o mesmo fio norteador, que é a luta contra violência impetrada pelo Estado, sendo assim, objeto político de luta, em que a cultura se torna objeto de disputa entre os agentes culturais e os políticos.

No texto de João Rodrigo Xavier Pires, “Da Tropicália ao Hip-Hop: Contracultura, repressão e alguns diálogos possíveis”, conseguimos traçar o paralelo do que foi vivido e do que é vivido no século XXI por entendermos que a história se repete através da reconstrução da memória como mecanismo de manipulação:

Neste ponto, novamente podemos recorrer a Le Goff, quando ele escreve que: “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Ou seja, o estabelecimento da memória coletiva nunca é dado de forma natural, pelo contrário, é uma construção seletiva ditada por um projeto que, por fim, revela um determinado jogo de forças sociais. Um jogo onde algumas das vezes então atuantes acabam sendo sistematicamente caladas. (2007, p.11)<sup>21</sup>

Conseguimos concluir que por conta disso, a corrente conservadora busca reprimir a cultura, por considerá-la contrária aos valores estabelecidos e criticar a forma como sistematicamente a política tenta controlar a narrativa do que é considerado o “certo” para a sociedade.

Além disso, a agenda política promovida pela corrente conservadora busca estabelecer seu poder e seu direcionamento a quem é de interesse. As visões progressistas, que são intrínsecas aos agentes culturais, provocam desde sempre um choque no conservadorismo que busca o controle social. É assim que vemos continuamente na história do Brasil, o conservadorismo deslegitimar a cultura por meio de mecanismos arbitrários de repressão, projetos e decisões que impedem o progresso do Estado democrático.

Atualmente experienciamos a reprodução da repressão por meio de políticas que tentam combater as mais diversas expressões artísticas que venham trazer para

---

<sup>21</sup> PIRES, João Rodrigo Xavier. Da Tropicália ao Hip-Hop: Contracultura, repressão e alguns diálogos possíveis. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007, p.11

o campo social, debates que vão no caminho oposto ao conservadorismo brasileiro e formas de repressão do exercício da cidadania plena para todos os cidadãos.

Nos últimos 10 anos o Estado vem, de forma sistemática, impactando a cultura com projetos e alterações de leis de incentivo que desvelam a intenção de diminuir as vozes que tanto bradam pela democracia no país.

Para fazer esse caminho, podemos explorar a linha temporal de 2014 a 2023. As tensões políticas em 2014 revelam qual caminho a política brasileira seguiria até as eleições de 2022. A então presidenta da época, Dilma Rousseff, seguia a linha política anteriormente já implementada, num governo de esquerda que defendia a democracia acima de tudo. O que se pode observar desse momento é que existia uma tensão instaurada a partir de uma não aceitação de uma parte considerável da população a esse governo. Essa tensão se transforma numa movimentação intencionada por uma parte política que também era contra o governo até então eleito. A partir disso, temos em 2016, no segundo ano daquele mandato da então presidenta, um golpe político que promove o *impeachment* de Dilma Rousseff e assim, assume seu vice, Michel Temer. O perfil de Michel Temer estava mais de acordo com as pautas e interesses de uma parte da população que há tempos vinha insatisfeita, a parte conservadora. E a partir disso, conseguimos visualizar melhor o desprestígio que a cultura começa a sofrer.

Ao ter esse panorama em mente para traçar essa linha temporal, podemos retornar a 2014, quando surge um projeto de lei proposto pela bancada conservadora, o “Escola sem Partido”<sup>22</sup>, que já expunha o seu caráter, ao propor uma “regulamentação” das salas de aula a partir da ideia de transformação do espaço escolar num espaço livre de “ideologias”. Esse projeto que visa censurar e neutralizar a pluralidade de pensamentos desde a escola, já demonstra que caminho a política estava tentando seguir, com o controle das narrativas.

Nos anos que seguiram tivemos cortes de verbas para a Cultura, que afetaram diretamente a manutenção de espaços culturais, além da implementação de festivais e projetos culturais.

---

<sup>22</sup> “Programa Escola Sem Partido, que consiste em um anteprojeto de lei que obriga a afixação de cartazes com os “deveres do professor” em todas as salas de aula do ensino fundamental no país, e a segunda por meio da associação informal de estudantes, pais e professores que estão preocupados com a “contaminação” político-ideológica das escolas” (FERNANDES, L. e FERREIRA, C., 2021, p.2)

Quando o governo é assumido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, em 2019, o que antes estava dito em entrelinhas, foi escancarado. Um dos primeiros atos do governo, foi extinguir o Ministério da Cultura, diluindo suas funções em outros ministérios existentes.

A Cultura voltou a ser posto de primeiro escalão com Itamar Franco. No primeiro dia do governo Bolsonaro, a área voltou a ficar sem ministério específico. Mas sequer ficou vinculada à Presidência: entrou no organograma primeiro da pasta da Cidadania e depois do Ministério do Turismo. Enfraquecer a lei Rouanet o máximo possível passou a ser a principal política de Bolsonaro para o setor. Em quatro anos, sete secretários passaram pelo órgão, que sofreu com polêmicas e restrições orçamentárias.<sup>23</sup>

Aqui podemos entender que a pretensão novamente é controlar a narrativa, tendo em vista que a cultura é vista como subversiva e “contra” o Estado conservador. Essa extinção provocou o sucateamento do setor cultural e a diluição de grandes ganhos que existiam nas políticas culturais do Brasil. A partir dessa medida, a cultura passou a sofrer contingenciamentos, extinções e cortes sistematicamente, desde alterações em políticas culturais, que visavam dificultar o acesso aos recursos culturais, como a Lei Rouanet, à extinção de reguladores da cultura e o sucateamento de instituições, como o que ocorreu com a Fundação Palmares, com mudanças na gestão do instituto para a gerência de um líder conservador, que no fim veio a promover a desvalorização da cultura negra.<sup>24</sup>

Em meio a isso, ainda vivemos a censura de espetáculos, apresentações e exposições artísticas que vinham a criticar não somente o governo, mas os padrões sociais opressores.

Assim, expoentes da cultura, desde então, vêm questionando as violências impetradas pelo Estado, que visam censurar e domesticar a população.

Entender a tensão política e social que vem movendo o Brasil permite que se entenda qual a reação a sociedade tem diante disso. O movimento feito dentro da política nos

---

<sup>23</sup> Matéria da página “Valor Econômico”, do Grupo Globo, 2022.

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/26/bolsonaro-rebaixou-cultura-e-a-transformou-em-trincheira-ideologica.ghtml> acesso em: 20 de abril de 2024.

<sup>24</sup> O então presidente da Fundação Palmares, tinha uma postura muito controversa a despeito do cargo que ocupava e por muitas vezes criticou movimentos importantes e históricos para a população negra do Brasil. A exemplo, ele chegou a compartilhar em suas redes sociais, críticas ao dia da consciência negra: “povo brasileiro precisa acordar para a natureza intrinsecamente racista do Dia da Consciência Negra”. Ele também chamou a data de “Dia da Vitimização do Negro”, “Dia da Mente Negra Escravizada pela Esquerda”, “Dia do Culto ao Ressentimento pelo Passado” e “Dia de Luta pela Divisão Racial do Povo”. < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/20/presidente-da-fundacao-palmares-critica-dia-da-consciencia-negra.ghtml> > acesso em 05 de julho de 2024.

últimos anos, contra a cultura, provoca a classe artística a reagir, com o intuito de tornar democrático o que os políticos tendem a manter de foro “político-privado”.

Ao lançar versos que reivindicam a política, artistas buscam demonstrar a força que o discurso palavra-canto tem, nada passa sem uma reação, não há dissociação entre o ser político e o ser artista.

Eu tô atento, é que o rap é igual crime  
Sempre que um vai, outro vem  
Eu tô atento, é que o rap é igual o crime  
Nunca se esqueça que o vento que venta aqui  
Também venta lá, também venta lá  
Eles chamaram pra guerra  
Mas não tinha pra trocar, fala aí  
Você piscou eu já tô no terceiro  
Tem gente que nem entendeu o primeiro inteiro  
Arte é pra incomodar, causar indigestão  
Antes de tu engolir, te trago um prato cheio<sup>25</sup> (DJONGA, 2019, Ladrão)

A cultura Hip Hop, então, como força de discurso, vem desde sempre questionando e trazendo pra disputa o lugar da política e do negro na sociedade.

De Pedro Cabral a Sérgio Cabral  
Gente, vocês deram Red Bull à cobra  
Construindo mudanças substanciais  
Pedreiro da cena sem te cobrar nem mão de obra, é  
Esquerda de lá, direita de cá  
E o povo segue firme tomando no centro  
Onde a tristeza do abuso é pra maioria  
E o prazer de gozar sobra pra 1%  
Um mano meu foi preso roubando manteiga, é  
Saiu da tranca, quis assaltar um banco  
Daquele tipo de ladrão, pernas pra quem tem  
Bala alojada no joelho, hoje te chamam manco  
Meu pai me disse: Cuidado com essa pochete e esse cabelo loiro  
Meu filho, cê num é branco  
Geral vestido igual, mas os canas te olharam diferente, eu só lamento  
No banco de trás cê vai sentir o solavanco  
Pras patty é só avanço, sola Vans  
E as minas aqui da área nem sapato tem  
A maioria de barriga cheia, quem dera fosse de comida  
E a mãe do filho de um membro do trem  
Mas nós sorri quando cai grana  
Fumo verde grama, se a de verde gama  
Quando o Galo ganha  
Ou quando ela diz que o Djonga tem a manha  
Eu sei, eu sei  
Parece que nós só apanha  
Mas no meu lugar se ponha e suponha que  
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro  
E você é negro que nem eu, pretin, ó  
Não ficaria preocupado?  
Eu sei bem o que cê pensou daí

<sup>25</sup> “Ladrão”. Djonga. Ladrão. Minas Gerais. Ceia, 2019. <https://www.lettras.mus.br/djonga/ladrao/> 04 de maio de 2024

Rezando não tava, deve ser desocupado  
Mas o menó tava voltando do trampo  
Disseram que o tiro só foi precipitado  
No mais, saudade dos amigo que se foi  
P.J.L. pros irmão que tá na tranca<sup>26</sup> (CHOICE, DJONGA, MENOR DO  
CHAPA, NEGRA LI,ADL, 2018, Favela vive 3)

Em “Favela Vive 3”, podemos entender a denúncia da violência, retratada a partir da voz lírica, a respeito da realidade vivida nas periferias do Brasil. Djonga usa de suas palavras para reportar, questionar e expor essa realidade. É esse movimento que o Rap constrói e denuncia.

---

<sup>26</sup> “ Favela Vive 3” . Choice, Djonga, Menor do Chapa, Negra Li,ADL (Além da Loucura). Favela Vive 3, 2018.<<https://www.lettras.mus.br/adl-mcs/favela-vive-3-part-choice-djonga-menor-do-chapa-e-negra-li/>>. Acesso em 04 de maio de 2024

### 3. O MUNDO É NOSSO - Estourando as bolhas da cultura hip hop

Como pudemos ver nos capítulos anteriores, a cultura Hip Hop é não somente força artística, mas ainda objeto de luta e denúncia social. A popularização do gênero se deu justamente a partir dessa característica, que permite falar sobre uma vivência real, de uma boa parcela da população brasileira. A força de vozes que surgem no início da década de 90, como os Racionais Mc's, que cantavam sobre a periferia e suas vivências em meio a violência policial, estrutural e política, racismo e a pobreza; os Racionais abriram o caminho para que muitos outros grandes nomes do cenário do rap pudessem se inspirar e surgir.

Nesse sentido, trazemos o fenômeno que modificou a cultura Hip Hop, através da poesia cantada que vem movendo a juventude ao longo de cerca de mais de 20 anos, as batalhas de rap.

Quando voltamos no início do movimento Hip Hop, que surge nos EUA, identificamos elementos cruciais para composição da cultura, sendo: música, dança, grafitti e mc (mestre de cerimônias). Observaremos os Mc's, que surgem para animar o público nas primeiras festas de Hip Hop, e vão tomando maior dimensão à medida que a ideia de "falar" com o público se torna uma ação de "tomar" o espaço e transmitir um sentimento. Nesse sentido, como pudemos ver no primeiro capítulo, quando Afrika Bambaataa surge com suas festas no intuito de promover uma coletividade, um aquilombamento, a ideia de transmitir um sentimento se torna mais concreta e daí se destacam os MCs e as batalhas de rap.

A dimensão das batalhas de rap, para a cultura, não giram puramente em torno da composição do movimento Hip Hop. Quando falamos dessas batalhas, falamos de um ponto importante, que é pilar fundamental do movimento, mas que também fala de negritude. Nesse sentido, as batalhas e as rodas, trazem consigo o que vem de África, quando falamos de ancestralidade e cultura em diáspora, trazem consigo a oralidade, cerne da expressão cultural, principalmente entre a negritude. Falo disso, pois enxergo no movimento Hip Hop, o aquilombamento, onde nos encontramos para compartilhar vivências e conhecimentos que estão muito intrínsecos à existência de um corpo negro no mundo. Sendo assim, as batalhas, têm essa dimensão e por isso são parte fundamental para a popularização do Rap no Brasil.

As batalhas de Rap, no Brasil, ficam mais conhecidas a partir dos anos 2000, como encontros de jovens que rimam, normalmente, de improviso, com rimas que por vezes são carregadas de críticas e ironias, podendo também ser esvaziadas de questões sociais e recheadas de insultos aos adversários, enquanto o público que assiste decide, “julgando” o ritmo, a inteligência que compõe as letras, qual MC é o melhor. A improvisação é o motor da disputa, que não delimita regras específicas para como se dará essa disputa.

O freestyle “desinteressado” é a rima de improviso criada em situação de descontração, cujo objetivo é construir uma poesia da qual emane emoção e mensagem. Há normalmente uma narrativa, pois parte-se, comumente, de um tema “proposto” pelo primeiro a rimar (a exceção dá-se quando o rimador faz seu freestyle sozinho, podendo “passear” por vários temas) e, numa socialização e respeito à roda de rimadores, mantém-se o tema, desenvolvendo-o. Essa rima é bastante devedora dos estímulos externos. Na ausência de um tema específico (ou mesmo sob a tutela desse), o rimador, liberto para criar, pode construir sua poesia em torno de fatos do cotidiano, temas abstratos, situações em curso”. (GONÇALVES, Rossi 2014, s/p)<sup>27</sup>

A partir disso, surgem ao longo dos anos, várias batalhas que unem os mais diversos artistas, que se juntam para compartilhar, com duelos de rima, danças, grafitti e tudo que compõe o movimento Hip Hop. Aqui me permito citar uma das maiores, mais reconhecidas no Brasil, a Batalha de rima que ocorre debaixo do Viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Antes de chegar ao Viaduto Santa Tereza, o duelo de Mcs (batalhas de rap), ocorria em uma praça, Praça da Estação, na capital mineira, onde pouco mais de 20 jovens se reuniam para duelar. Lá também era lugar dos jovens skatistas se reunirem para a prática do esporte. Com o tempo, esse movimento foi crescendo e viu-se a necessidade de ocupar um espaço maior e que abarcasse as necessidades dos jovens que se reuniam. Nesse ponto entra o Viaduto, que era tido, antes de virar cenário de um dos mais potentes movimentos culturais de Minas Gerais, como um ponto turístico da cidade. Ele é reivindicado pela juventude como um espaço a ser ocupado, o que ocorreu. Em meio à Copa do Mundo, realizada no Brasil, o Viaduto passa a ser objeto de disputa, quando o Estado decide fazer obras de revitalização do espaço. As obras que prometiam uma duração de 10 meses, perduraram por 3 anos. Nesse momento, os jovens que ocupavam antes a Praça da Estação, e que migraram para o Viaduto, com rodas culturais e as pistas de skate,

---

<sup>27</sup> GONÇALVES, Rôssi Alves. Rimas das ruas. In Revista *Z Cultural*, n.2, 2014, s.p.

decidem por ocupar o Viaduto com as obras paradas e então esse espaço toma a dimensão que tem hoje.

Figura 1: Duelo de MC's no Viaduto Santa Tereza



Duelo de MCs Nacional 2016/Divulgação PBH <<https://www.ufmg.br/centrocultural/duelo-de-mcs-movimento-que-ocupa-o-viaduto-santa-tereza-ha-15-anos-e-tema-de-novo-episodio-de-podcast/>>

E é nesse cenário que surge um dos grandes nomes, quem buscamos nos debruçar aqui, o rapper Djonga.

Duelo de MCs era uma coisa que rolava aqui na cidade, que é uma parada que sei lá, se você pegar um táxi, com aquele taxista que vai com aquele vim com aquele papo mais clichê, se você falar com ele assim 'ô mas então eu eu tô indo ali no rap', aí ele fala 'aonde? embaixo do viaduto Santa Tereza?' Sacou? Então assim, embaixo do viaduto do Santa Tereza né, desde 2007/2008 por ali tem isso. É o maior duelo de mc do mundo, eu insisto, eu vou falar isso sempre. Eram 2.000, 3.000, 5.000 pessoas numa sexta-feira à noite, embaixo do viaduto vendo os cara rimar, vendo os B-Boy dançando, vendo as grafiteiras, os grafiteiros grafitando e assim era uma parada totalmente sem precedente, porque lá tava roqueiro, tava pagodeiro, tava funkeiro, estava a galera do Hip Hop, estava maluco de rua que não gosta nem de música, tá ligado? tava todo mundo. Foi lá o lugar que eu me reaproximei do hip hop <sup>28</sup>

No Viaduto de Santa Tereza, e em tantos outros espaços que se consolidam os movimentos que a cultura Hip Hop faz, foi onde Djonga encontrou a arte como forma de expressão política.

<sup>28</sup> Trecho da entrevista de Djonga ao programa "Conversa com Bial". Globo. 2020. <https://globoplay.globo.com/v/9032273/?s=0s> Acesso em: 20 de junho de 2023

### 3.1 DJONGA: O MENINO QUE QUERIA SER DEUS

Com uma escrita que combina a sutileza da poesia com a aspereza da verdade, Djonga canta o que queremos falar. Quando canta “Logo eu que fiz gritos pros excluídos/Tiração pros instruídos/Chegar aqui de onde eu vim/É desafiar a lei da gravidade/Pobre morre ou é preso, nessa idade”<sup>29</sup>, o rapper reconhece em seu trabalho a construção de uma realidade, para ele e para quem ele canta. É essa representatividade que move Djonga para cada vez mais alto.

Gustavo Pereira Marques, conhecido como Djonga, rapper mineiro, historiador, da zona leste de Belo Horizonte, surge nos anos de 2010, nas batalhas de rap, com sua potência de rima e escritos. Interessado por música desde criança, diz que em sua casa sempre teve festa e, com isso, foi impactado pelos mais diversos cantores, tirando daí suas referências, de Cazuza a Racionais.

Figura 2: Rapper Djonga



Foto: Daniel Assis

Em entrevista ao canal Bis, em 2018, Djonga explica seu começo no rap vem de uma relação com a música como ouvinte e apreciador de diversos estilos musicais e, quando na adolescência, começa a se interessar pelo que é dito nas letras que escuta:

---

<sup>29</sup> “Junho de 94”. Djonga; Coyote Beatz. O Menino que queria ser Deus. Minas Gerais. Ceia, 2018. < <https://www.letras.mus.br/djonga/junho-de-1994/#album:o-menino-que-queria-ser-deus-2018>> acesso em 23 de junho de 2024

Em um determinado momento da minha vida, eu acho que eu comecei a me interessar mais na adolescência que é a época que você começa a entender as coisas né, você fica emocionado com as coisas,[...] eu comecei a ficar emocionado ouvindo as músicas, arrepiar, aquela coisa que você entender o que a pessoa tá dizendo, o que aquela nota que seja, quer dizer sabe, do jeito que é harmonia que toca seu coração assim, eu falei 'mano eu quero cantar, quero fazer música'. Comecei a escrever as poesias, na época tinha o Sarau Vira-Lata lá em BH, toda a galera que ia no sarau tinha uma grande influência de rap, principalmente por causa do duelo de mc, que era mais que um duelo de mc, que uma batalha de rap, é o maior movimento cultural assim, que a gente tem, ou que a gente teve em BH em algum momento e aí eu comecei a cantar rap sem querer, talvez, sem querer querendo<sup>30</sup>

Em 2016, Djonga se une a cinco rappers mineiros: Hot (Mário Apocalypse do Nascimento), FBC (Fabrício Soares), Clara Lima, Oreia (Gustavo Rafael Aguiar) e Coyote Beats (Paulo Alexandre Almeida Santos), e forma o grupo de rap, DV Tribo. Nesse momento, o grupo ganha notoriedade e começa a fazer parcerias em músicas com outros grupos e nomes que estavam tomando o cenário do rap nacional. Entre parcerias e lançamentos, Djonga foi ganhando destaque individualmente, por seu grito, que ele mesmo diz em outra entrevista, achar que tem destaque por ser um grito engasgado de muitos:

assim todas as minhas referências cantam gritando, aí eu achei que só tem um jeito de eu cantar, que é gritando, entendeu... E aí eu gritava [...] eu acho que as pessoas gostam tanto quando alguém vem cantando gritando, porque esse grito que a gente grita é o que tá engasgado nelas acho que é por isso.

31

Em 2017, lança seu primeiro álbum de sucesso "Heresia". Estudante de História, o rapper ganhou notoriedade com suas letras contundentes, com linhas narrativas e líricas muito características de sua própria identidade musical. O álbum estabelece quem Djonga é na cena do Rap, com suas letras rasgadas de ideias fortes e textos emancipatórios, "Heresia" traz linhas de quem sabe pra quem está cantando.

Homem negro, inferno branco, tipo Tarantino  
 Homem branco, inferno banto, tipo tá tirano  
 Os menor tá desesperado, tipo atirando  
 Eu querendo salvar o mundo, e ela pergunta "tá zuando?"  
 É que as ruas me lembram o Massacre da Serra Elétrica  
 Eles tentam roubar, é o massacre da cerca elétrica  
 E o rap preocupa com o povo ou preocupa com a métrica  
 Mas os tentáculos do polvo é o que vai me afundar  
 E o olho que me julga precisa fazer regime

<sup>30</sup> Entrevista de Djonga ao programa "Experimente". Canal Bis, 2018.  
<https://globoplay.globo.com/v/7855551/?s=0s> Acesso em: 17 de setembro de 2023

<sup>31</sup> Entrevista de Djonga ao programa "Conversa com Bial". Globo. 2020.  
<https://globoplay.globo.com/v/9032273/?s=0s> Acesso em: 20 de junho de 2023

Ou algum de nós dois vai estar lá na cena do crime  
 E eu só querendo eu e minha mina na fila do cine  
 Vendo o filme da minha vitória  
 Sou da sua raça, mano, é a nossa vitória  
 Já foram farsa, vamo, contar nossa história  
 Quilombos, favelas, do futuro seremos reis, Charles  
 Seremos a negra mais linda desse baile charme  
 A negra velha mais sábia, crianças a chave  
 Eles são cadeado, já foram corrente, sabe?  
 O lado negro da força, mato com meu sabre  
 Te corto com meu sabre  
 Como se fosse a noite, 'cê vê tudo preto  
 Como fosse um blackout, 'cê vê tudo preto  
 São meus manos, minhas minas  
 Meus irmãos, minhas irmãs, yeah  
 O mundo é nosso, hã  
 Tipo a noite, 'cê vê tudo preto  
 Tipo um blackout, 'cê vê tudo preto  
 São cantos de esquinas, de reis e rainhas  
 Yeah, o mundo é nosso<sup>32</sup> (DJONGA, 2017, O mundo é nosso)

Como falamos anteriormente, algo que é uma disputa entre a cultura e a política, muitas vezes é a memória. Nesse sentido, Djonga, como estudante de História, constrói suas letras imbuídas de memórias e referências, para explicitar a violência vivida por muitos pretos e pobres, além de pulsar um desejo de confronto e combate à essa violência.

É o lado leste do mapa, tiro pa caralho, bala pa caralho  
 Mataram mais um, caralho, esse presunto não é de comer  
 Quem ouviu a história também tá na historia  
 São várias versão da historia  
 Pra que se envolver?  
 E eles correm tipo Paul Walker  
 Por isso morrem tipo Paul Walker  
 E, não são os mesmo quando encontram Johnnie Walker  
 E tem os polícia de stalker  
 Elas se entregando pra eles  
 E eles não se entregariam nem se fosse por elas  
 A morte amola a foice e gira a manivela  
 Fogem tipo sebo nas canelas  
 Pele de Mandela, talvez seja o clima quente  
 Pois são tipo beira mar  
 Poção tipo, nenhuma vai curar  
 Não é magica é maldição  
 Mais de cem são  
 Sem diss, mas disposição  
 São tipo fúteis, nada no fundo do olho  
 E esse brilho você quem tirou  
 Pra passar o veneno, úteis  
 Cada dedo no gatilho, você que atirou  
 De onde viemos não competem o melhor flow

<sup>32</sup> O mundo é nosso". Djonga. Heresia. Minas Gerais. Ceia, 2017 <  
<https://www.letras.mus.br/djonga/o-mundo-e-nosso/>> acesso em 10 de junho de 2024

E sim a melhor pontaria  
 A maioria sai pela culatra, jhow  
 E até quem não devia pagaria  
 Os menor não tem natal é tipo Grinch  
 Se os menor se envoca e tal, e tipo Clinch  
 Como em Clint Eastwood, fazemos a lei  
 Aqui somos a lei  
 Pegando a visão  
 Pra passar a visão  
 Eu sou a cara do jogo  
 Quem tá contra ta mandado  
 Não passarão  
 Pegando a visão  
 Pra passar a visão  
 Não me provoque eu sou o fogo  
 Não me provoque ou os aliados atirarão<sup>33</sup> (DJONGA, 2017, , Heresia)

Aqui podemos ver que assim como ele teve interesse e buscou entender o que ouvia, os jovens se inspiram nele para ouvir e entender o que está sendo dito. A potência musical que Djonga coloca em suas letras modificou o cenário do Hip Hop. Conhecido por gritar sobre o racismo que a população negra brasileira sofre, Djonga buscou se expressar claramente, o que estava há tempos mais silenciado dentro de jovens pelo Brasil.

Na música “Olho de Tigre”, talvez uma das mais conhecidas do rapper, tem em determinado verso uma das frases mais repetidas nos últimos tempos, quando falamos de Rap e racismo: “Fogo nos Racistas”.

Tô olhando da janela, sociedade escrota  
 Caras que pagam de macho com o pau boca  
 Bando de pau no cu  
 Bando de pau no cu  
 Nesse quesito serão premiados  
 Hors Concours  
 Tô crítico igual cartoon do Henfil  
 Com esses Danilo Gentili eu não vou ser gentil  
 Te informando Jornal Nacional  
 Talvez por isso que me chamam de sensacional  
 Tenho sido tão verdadeiro  
 Que prefiro não usar ouro, e não ser falso em nada  
 Tem quem fica a ver navios  
 E tem quem chega longe de jangada  
 Sensação, sensacional  
 Sensação, sensacional  
 Sensação, sensacional  
 Firma, firma, firma  
 Fogo nos racista<sup>34</sup> (DJONGA, 2017, Olho de tigre)

<sup>33</sup>“Heresia”. Djonga.Heresia. Minas Gerais. Ceia, 2017. <https://www.letras.mus.br/djonga/heresia/> acesso em 17 de junho de 2024

<sup>34</sup>“Olho de Tigre”. Djonga. Perfil #22. Malive e Slim, 2017. <https://www.letras.mus.br/djonga/olho-de-tigre/> 20 de junho de 2023

No vídeo da faixa, no YouTube, que alcançou cerca de 26 milhões de visualizações, conseguimos ver nos comentários, a dimensão da frase e da obra do artista:

Figura 3: Comentários da música "Olho de Tigre" de Djonga

-  **@gabriellastefani9788** há 4 anos  
Fogo nos racistas é uma frase que só incomoda quem seria queimado 🔥
- 👍 7,5 mil 🗨️ Responder
- ▼ [134 respostas](#)
-  **@joaovitor7192** há 1 ano  
Vc que é preto  
Quando vc se sentir menosprezado ,venha aqui e escuta esse hino  
Vc não está sozinho  
Nos temos que ser 10 vezes melhor 10 vezes mais esforçados
- 👍 309 🗨️ Responder
-  **@sandrasouza1469** há 1 ano  
Eu voltei aqui hoje e estou chorando tanto, foram 4 anos de retrocesso e frieza, obrigada Gustavo
- 👍 660 🗨️ Responder
- ... [20 respostas](#)
-  **@ThatGay1** há 2 anos  
I don't speak Portuguese, a friend from Brazil sent this song to me this song with English subtitles and it's fire , love it . Hope to listen to more of you music man, keep up the great songs.
- Traduzir para o português
- 👍 161 🗨️ Responder
-  **@ThatGay1** há 2 anos  
Eu não falo português, um amigo do Brasil me mandou essa música com legenda em inglês e é fogo, adorei. Espero ouvir mais de você, cara, continue com as ótimas músicas.
- Ver original (traduzido pelo Google)
- 👍 161 🗨️ Responder
- ▼ [15 respostas](#)
-  **@LuizHenrique-ry3lg** há 2 anos  
Quem diria que agora em 2022 a frase (fogo nos racista) iria incomodar tanto eles que tão até querendo nos calar mais não vão conseguir 🤡🔥
- 👍 41 🗨️ Responder

Captura de tela dos comentários do vídeo da música “Olho de Tigre” no *YouTube*

A significância da frase nos versos de Djonga toma proporção do grito entalado de muitos, e passa a ser utilizado em forma de protesto, transbordando o teor artístico e se tornando um grito de basta.

Dimensionando o efeito da frase, podemos ver, desde a popularização na voz de Djonga, ela ecoando em manifestações, individuais e coletivas, contra o racismo.

A exemplo, os protestos feitos pelo assassinato do jovem congolês Moïse Kabagambe, no Rio de Janeiro, em 2022:

Figura 4: Manifestação contra o assassinato de refugiado congolês no Rio de Janeiro



<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/05/justica-por-moise-milhares-de-manifestantes-protestam-contra-assassinato-de-refugiado-congoles>

Sobre a frase, Djonga afirma que:

é maior que eu e o que eu falei né ,porque é uma ideia, não é só uma frase, representa um sentimento, de todo mundo tava sentindo há um tempo uma coisa, a vontade de falar né, tá ligado, eu só escrevi essa frase, mas essa frase é nossa, é de todo mundo que não aguenta mais né essa m\*\*\*\* assim que o racismo [...] é difícil pensar que a gente ainda tem que se explicar, a gente tem que explicar para alguém do porquê é errado ser racista, porque algo que é tão claro assim, que uma pessoa fez foi racista sabe [...] é a herança né, de um país que viveu muito tempo de escravidão, no mundo

que viveu muito tempo de escravidão né, uma América principalmente, que viveu muito tempo de escravidão... os efeitos estão aí né<sup>35</sup>

Ainda sobre a magnitude do verso, para dimensionar, podemos trazer o caso de censura a seu respeito, quando uma enfermeira, ao denunciar nas redes sociais, através de um post de uma foto com a frase “fogo nos racistas”, um caso de racismo sofrido por sua irmã, é denunciada ao Tribunal de Justiça de São Paulo, que decide que a frase implica em incitação à violência a quem cometeu o crime contra sua irmã e impõe que a enfermeira apague a foto das redes e ainda pague uma indenização ao racista que poderia sofrer uma suposta agressão.<sup>36</sup> Mais uma vez, é possível ver a estrutura racista sendo mantida pelo Estado. E é também nesse lugar que Djonga prova como sua força, enquanto promotor de cultura, existe e se põe de frente a necropolítica.

O reconhecimento do rap como parte da história que aborda a história, como o próprio rapper coloca em sua fala ao citar a escravidão revela o engajamento político social do rapper e da sua escrita cantada. Como o primeiro brasileiro a ser indicado ao prêmio *BET(Black Entertainment Television) Hip Hop Awards*, que é uma grande premiação norte-americana, que contempla rappers, produtores e diretores de Rap do mundo, Djonga avalia que “O papel da arte de incomodar, de causar reflexão para mim é mais do que fundamental [...]”<sup>37</sup>

O pensamento e o agir decolonial vem do rompimento com a estrutura social e de pensamento colonialista que faz a manutenção de ideais capitalistas que corroboram com a estruturação de espaços hegemônicos na sociedade. Desse modo, ao utilizar da arte para incomodar, Djonga possibilita esse rompimento através de sua composição artística que vai desde suas poesias, até sua estética e seu agir político, que questiona as estruturas as quais estamos inseridos e reivindica espaço.

É nesse lugar, que entendemos que Djonga não se coloca somente como rapper, mas como questionador, o que corrobora com a ideia de Gustavo Pereira Marques ter ultrapassado as barreiras e alcançado o mundo com sua arte decolonial. O poder de afetar o coletivo com suas ações, diante da estrutura de Estado brasileira,

<sup>35</sup> Entrevista de Djonga ao programa “Experimente”. Canal Bis, 2018.

<https://globoplay.globo.com/v/7855551/?s=0s> Acesso em: 17 de setembro de 2023

<sup>36</sup> Matéria a respeito do caso comentado, sobre decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/noticia/2022/04/djonga-reage-a-decisao-da-justica-que-proibiu-frase-fogo-nos-racistas-em-rede-social.ghtml>> acesso em 20 de junho de 2024

<sup>37</sup> Entrevista de Djonga ao programa “Jornal Nacional”. Globo, 2020.

<<https://globoplay.globo.com/v/8938333/>>. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

através até de um simples verso “Fogo nos Racistas” diz muito sobre a completude que é Djonga para a sociedade.

### 3.2. TALENTO NÃO GARANTE VIEW

Diante dos comentários mostrados acima e de outros, dos números que Djonga tem alcançado, como 6 milhões de ouvintes mensais no Spotify<sup>38</sup>, tendo 108 milhões de visualizações na música mais ouvida em seu canal do YouTube, é inegável o impacto do rapper, atrelado também ao engajamento que a internet causa.

Figura 5: Postagem temporária com dados sobre alcance do lançamento do mais recente álbum de Djonga.



Captura de tela de postagem temporária do perfil do artista.

<sup>38</sup> Plataforma de reprodução de áudio. Perfil do artista Djonga na plataforma. <<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/204lwDdaHE4ymGk9Kya2pY>>

Com esses números, podemos entender a dimensão do artista e como cada lançamento com seu posicionamento segue causando impactos. Em uma de suas letras, Djonga avalia o próprio impacto, ainda que precisemos seguir lutando para que a juventude negra escape da violência do Estado.

Éramos milhões, até que vieram vilões  
 O ataque nosso não bastou  
 Fui de bastão, eles tinham a pólvora  
 Vi meu povo se apavorar  
 E às vezes eu sinto que nada que eu tente fazer vai mudar  
 Auto estima é tipo confiança, só se quebra uma vez  
 Tô juntando os cacos, não Barcelos, nem Antibes  
 Sou antigo na arte de nascer das cinza  
 Tanto quanto um bom motorista é na arte de fazer baliza  
 Eu tô na arte de fazer...  
 Eles são a resposta pra fome  
 Eles são o revólver que aponta  
 Vocês são a resposta porque tanto  
 Einstein no morro morre e não desponta  
 Vocês são o meu medo na noite  
 Vocês são mentira bem contada  
 Vocês são a porra do sistema que vê  
 mãe sofrendo e faz virar piada, porra  
 Eu vi os menor pegando em arma, pois cês foram silenciadores  
 Eu vi meu pai chorando o desemprego, desespero  
 Pra que isso, mano?<sup>39</sup> (DJONGA; COYOTE BEATZ, 2018, Corra)

Nesse tocante, Djonga segue movendo estruturas e “cutucando” a política, como quando o artista, em meio a pandemia, vai às ruas, em 2020, em protestos contra a violência policial e do Estado, quando vivenciamos mortes suspeitas, a partir de abordagens policiais, como a do jovem João Pedro, de 14 anos, assassinado em uma ação policial no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo. Essas manifestações surgem em todo mundo, logo após o assassinato de George Floyd, homem negro que foi asfixiado pela polícia, nos EUA, após abordagem policial, crime o qual gerou protestos nos EUA. Além de estar presentes nos protestos, o rapper incentiva o movimento dos protestos, o que chega a gerar comoção na internet por conta da pandemia e da posição contrária, de Emicida, também rapper e amigo de Djonga, que

---

<sup>39</sup> “Corra”. Djonga; Coyote Beatz. O menino que queria ser Deus. Minas Gerais. Ceia, 2018  
<https://www.letras.mus.br/djonga/corra-part-paige/> acesso em 10 de junho de 2024

achava prudente que todos permanecessem em casa, em meio à pandemia que estava afetando todo o país, principalmente a população mais pobre.

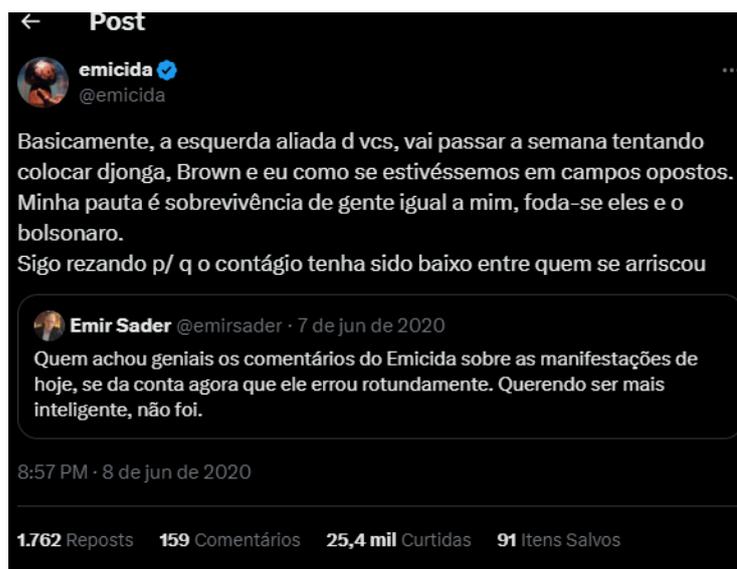
Porque eu não vou nesse protesto que estão organizando no domingo? se vocês derem uma busca, vocês vão ver que um monte de infectologista, epidemiologista sério, tá chamando isso de genocídio. Aguarda-se um crescimento de 150% nos próximos dias. A irresponsabilidade e a irracionalidade de quem tinha que conduzir este país para um lugar melhor, ainda vai matar muita gente. O contágio não chegou no seu máximo ainda, pensa nisso, qualquer aglomeração agora, por mais legítimo que sejam nossos motivos, mano é pular na ciranda da necropolítica, levar uma onda de contágio pior do que essa que já tá para dentro das comunidades onde vivem quem a gente ama isso é parte do plano deles [...] <sup>40</sup>

A fala do rapper Emicida, explicitava o momento difícil que toda a população estava enfrentando com a Pandemia de Covid-19, mas a posição contrária de Djonga dizia respeito a um problema que enfrentamos secularmente, o racismo. Essas posições distintas, porém, que não se anulam, dizem muito sobre o caráter político que o Rap tem, questionando como a estrutura continua violentando a população negra mesmo durante uma pandemia mundial. A repercussão desses contrapontos demonstra a dimensão disso. Nas redes sociais, conseguimos ver o impacto desses dois grandes artistas, quando essa discussão importante e válida provoca uma suposta polarização, em que cada um é colocado em um ponto distante do outro, sendo que, na verdade, os dois estavam falando da mesma coisa, a necropolítica - termo conceituado pelo cientista político, Achille Mbembe, que demonstra o Estado com o poder de decidir quem deve viver e quem deve morrer, através dos dispositivos de poder, a partir de ações e principalmente do discurso, pautado essencialmente pela raça.

---

<sup>40</sup> Fala do rapper Emicida a respeito dos protestos anti racistas, que ocorriam em 2020, em meio a pandemia, em vídeo divulgado em seu perfil nas redes sociais. < <https://x.com/emicida/status/1269026314167767042>> acesso em 11 de junho de 2024

Figura 6: Postagem do rapper Emicida em rede social



Nesse sentido, conseguimos ver com esse exemplo como a internet infla debates e por vezes torna discussões importantes, em polos binários, onde um é certo e o outro o errado. Ainda assim, é a mesma rede que reconhece nos discursos de Djonga (e de muitos outros) a importância das falas.

Perguntam se eu não me arrependo do que tenho dito  
 Mas não se arrependem de Jenifers, Kauãs e Ágathas  
 Nós aqui carregando o peso do mundo nas costas  
 Por coisa que nem o peso na sua consciência paga  
 Eu tô puxando a boia pra ver se os otário afunda  
 Tipo esses cara que acha que mulher preta é bunda  
 Privilégio branco é esses white trapper  
 Que pede grana pro pai pra ver sua primeira banda  
 1-7-1 pra mim não é mais crime, seu guarda  
 É o número em milhões de streamings no meu Spotify  
 Quer me matar com G3, mas cê paga 3G  
 Pros seus menor me ouvir na rua se tiver sem Wi-Fi<sup>41</sup> (DJONGA; COYOTE BEATS, 2020, Hoje não)

<sup>41</sup>“Hoje Não” . Djonga, Coyote Beats. Histórias da minha área. Minas Gerais.Ceia. 2020 < <https://www.letras.mus.br/djonga/hoje-nao/>> acesso em 20 de novembro de 2023.

### 3.3 REDES SOCIAIS E O CONSERVADORISMO

É nessa disputa entre o certo e o errado que a internet, pelas redes sociais, também possibilitou a difusão e ascensão da juventude “conservadora de direita”, junto à crescente onda do Rap, e do engajamento político nas redes sociais.

Se pudermos voltar há aproximadamente 11 anos, conseguiremos verificar que após a eleição da Dilma Rousseff, primeira presidenta mulher do Brasil, e o que era o 3º mandato do governo de esquerda, PT, anunciava-se um desafio político que provocou turbulência na década para o país. A insatisfação que vinha de um crescente movimento antipetista - este que era acompanhado pelas eleições consecutivas do partido -, somou-se às investigações de corrupção advindas dos escândalos de corrupção envolvendo a Petrobras e do que viria a ser a Operação Lava-Jato e tomou maior proporção quando, em 2013, ainda no primeiro mandato da presidenta, ressoou em todo o país as primeiras manifestações contra o governo vigente<sup>42</sup>. Essas manifestações, que a princípio tinham um grito não tão reconhecível, não necessariamente gerou o corpo da direita brasileira, porém fermentou o que se tornou uma caça à esquerda progressista e ao que representava a primeira eleição de uma mulher a presidente do país. A insurgência conservadora pairava sobre a insatisfação governamental, mas tinha também como característica, um incômodo com o que vinha há tempos sendo questionado, a ideia própria de moralidade. Consigo traçar esse paralelo ao entender que o conservadorismo como ideologia só tomou corpo presente, quando algo contrário passa a existir com maior presença.

O conservadorismo se torna consciente e reflexivo pela primeira vez quando outros modos de vida e pensamento aparecem em cena, contra os quais se vê obrigado a pegar em armas na luta ideológica. Esta é a primeira etapa na formação de uma ideologia definitivamente conservadora; é também uma etapa de deliberação metodológica na qual o conservadorismo tenta se tornar consciente de sua essência.” (Mannheim<sup>43</sup>, 1971, p.173 *apud* WELLER, W.; BASSALO, L. D. M. B.. n. 99, p. 391–408, 2020.)

Sendo assim, os anos que se seguiram, guiaram o caminho para que a força conservadora fosse constituída e difundida.

---

<sup>42</sup> SCHREIBER, Mariana. Dez anos de junho de 2013: os efeitos dos protestos que abalaram o Brasil. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv281p5znrjo>>. Acesso em: 20 de maio de 2024

<sup>43</sup> Mannheim, 1971, p.173

Recorro a esse curto retorno temporal sobre a política brasileira, para demonstrar como o conservadorismo enquanto instituição ideológica cresceu e se moldou, a partir de gerações que viveram efetivamente as mudanças e evoluções políticas que advinham de um governo de esquerda que vinha balizando as discussões na sociedade, até então.

Quando falo dessas mudanças e evoluções, falo de como a parcela da população, que desde “Tropicália” de Caetano, vivia a “A entrada é uma rua antiga/Estreita e torta/ E no joelho uma criança/Sorridente, feia e morta” - e pôde vislumbrar um futuro esperançoso diante das estruturas sociais, a partir de políticas públicas emplacadas em consonância com um governo de esquerda. Ver um operário se tornar presidente do país, ser reeleito e promover a eleição de uma mulher, moveu com essas estruturas sociais e demonstrou como o futuro poderia ser diferente, tanto de um lado, quanto de outro.

A partir disso, conseguimos perceber como a insatisfação conservadora transpassou gerações, ao chegar a gerações mais novas que lidam com essa realidade de uma forma mais reacionária e que possui um grande diferencial que infla essa bolha conservadora na juventude, a internet.

Em meio ao enfraquecimento do governo do PT, com os acontecimentos políticos nos últimos anos, vemos ao horizonte o que hoje considero o símbolo do conservadorismo, surgindo como uma solução para a política que até então estava estabelecida, Jair Bolsonaro.

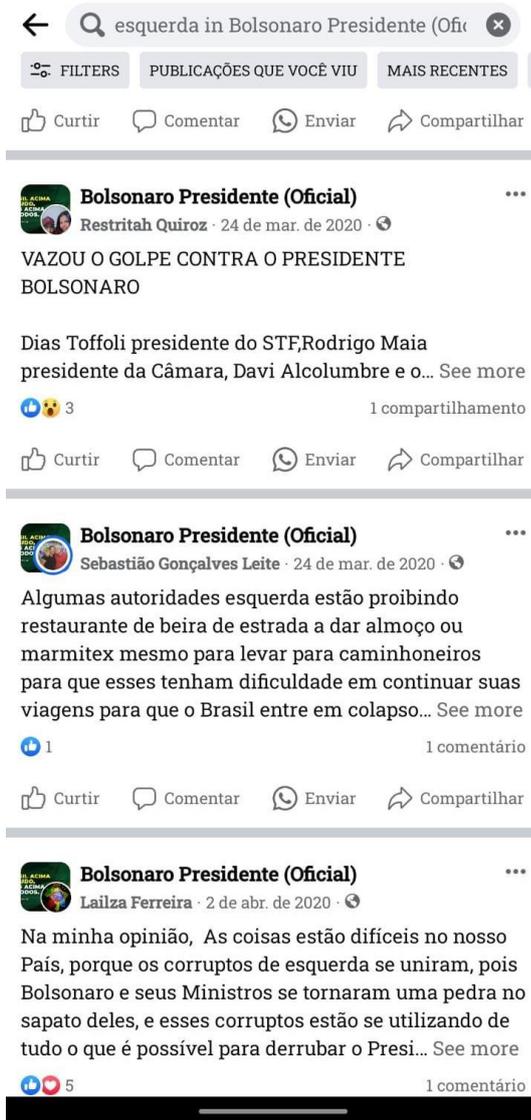
Em seu surgimento como presidenciável, conseguimos perceber a força conservadora crescendo nas redes. A internet, capaz de difundir informação e nos conectar com qualquer lugar do mundo a qualquer momento foi fundamental para a criação e difusão da bolha conservadora que se formava ao redor do então candidato e dos ideais que cercam o que é o oposto do progressismo que vinha sendo difundido. Se unindo ao aglomerado de conservadores jovens e mais velhos, esse governo usou da internet para se eleger, por meio das “verdades” absolutas, morais intocáveis e notícias falsas.

A força de disseminação dessas notícias falsas foi capaz de ajudar a eleger Jair Bolsonaro como presidente e transformar o governo numa unidade política que muito se assemelha, em unidade de pensamento, com o que o Brasil viveu na época do golpe militar.

As fake news devem ter tido uma influência muito grande no resultado das eleições, porque as histórias tiveram alcance absurdo. A informação das fraudes em urnas eletrônicas com o intuito de contabilizar votos para Fernando Haddad, do PT, alcançou 16 milhões de pessoas nas redes sociais 48 horas após o primeiro turno e a notícia continuou viva no segundo turno", afirma o coordenador de campanhas da Avaaz, Diego Casaes.

De acordo com dados da pesquisa, 93,1% dos eleitores de Bolsonaro entrevistados viram as notícias sobre a fraude nas urnas eletrônicas e 74% afirmaram que acreditaram nelas.<sup>44</sup>

Figura 7: Captura de tela do grupo do Facebook “Bolsonaro Presidente (Oficial)”



É nesse contexto que a “massa” conservadora se fortalece, através do espaço que difunde informações, nasce o “mito” que salvará o país das forças contrárias, que vinham balizando as discussões no Brasil. Em defesa do que seria o ideal de família

<sup>44</sup> Matéria na Revista “Valor Econômico” do Grupo Globo.  
<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml> acesso em: 15 de junho de 2024

tradicional, valores religiosos, o ex-militar, se consagra pelas redes sociais com mobilizadores que difundem discursos que, inclusive, pedem o retorno do controle do Estado pelas forças armadas.

Perfis nas redes sociais surgem dando força aos ideais propagados pelo ex-militar e ganham apoio difundindo informações que eles julgam verdadeiras para se apoiar e construir uma polarização onde eles estão do lado correto, utilizando do moralismo como balizador do que é “bom”. As redes sociais passam a ditar o que acontece e o que deve acontecer na política brasileira.

Figura 8: Captura de tela do grupo do Facebook “Bolsonaro Presidente (Oficial)”

**Bolsonaro Presidente (Oficial)** ...

Joseane Fagundes · 13 de dez. de 2022 · 🌐

O lixo das CNN e globo, disseram "Bolsonaristas"!

Mas, a verdade sempre aparece!

Se alguém identificar alguma foto, denuncie 181, anônimo!

Ônibus com gritos de "Fora Bolsonaro!". Já foi descoberto que gente grande de gravata está por trás dos ataques, planejaram tudo, inclusive dos arruaceiros da esquerda bandida,, estarem exatamente no local, mesma hora da prisão! Tanto que só atacaram carros com bandeira do Brasil!

Gente do MST, pcc e corja da esquerda! Técnicas de guerrilha, facões etc!

A informação é que já tem alguns presos.

👍❤️ 15 5 comentários · 44 compartilhamentos

👍 Curtir    💬 Comentar    📧 Enviar    ➦ Compartilhar

Figura 9: Captura de tela do grupo do Facebook “Bolsonaro Presidente (Oficial)”



Figura 10: Captura de tela de perfil em rede social, de apoio ao ex-presidente



Nesse cenário político brasileiro surgem jovens carregados com esse “moralismo” que atravessa gerações, como o deputado Nikolas Ferreira que, com o seu perfil no twitter, onde expõe seus pensamentos conservadores e preconceituosos, e com tamanha adesão, foi eleito deputado mais votado em 2022, com quase 1,5 milhão de votos<sup>45</sup>.

Sempre envolvido em polêmicas e extremamente ligado ao presidente Jair Bolsonaro (PL), sua popularidade cresceu nas redes sociais durante a pandemia, quando se posicionou contra a vacina, o uso de máscaras, o isolamento social e o fechamento de serviços não essenciais...as redes sociais são o principal foco do novo deputado, com constantes ofensas a minorias, críticas aos direitos humanos e postagens defendendo o posse e o porte de armas, críticas a ministros do STF (Supremo Tribunal Federal), às ideologias de gênero e esquerdista. Ele acumula 3,4 milhões de seguidores apenas no Instagram. Nas outras redes, o sucesso se repete: 1,8 milhão no TikTok, mais de 1 milhão no Twitter e no Youtube, e 4,3 mil assinantes no Telegram.<sup>46</sup>

Como podemos ver, essas ideias são constantemente fortalecidas nas redes sociais e despontam um presente de disputas ideológicas a respeito da verdade e da democracia. Quando entendemos que uma das possibilidades da” ascensão do conservadorismo vem também do fato de existir um contraponto, uma corrente de progressismo, entendemos o avanço exacerbado desse pensamento como ideologia que molda parcelas da sociedade; principalmente pelo fato do conservadorismo se apoiar em heranças colonialistas que, ao se fazer presente, coloca outra forma de construção da sociedade em tensão e descrédito.

Sendo assim, a intenção da manutenção dessa ideologia é perpetuar o colonialismo através da dinâmica racial e de classes que o país foi constituído.

A partir dessa tensão que se forma conseguimos ver a força da cultura Hip Hop como ideologia contrária à manutenção das estruturas de poder já estabelecidas". Quanto mais o movimento Hip Hop, as lutas sociais são trazidas a um debate político de decolonialidade, mais o conservadorismo reage como intenção de sua manutenção.

Assim, há a necessidade de sobrevivência da maior parte da população que é desfavorecida por essa estrutura de poder. E assim, os movimentos sociais e a

---

<sup>45</sup> Matéria do site UOL. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/nikolas-ferreira-fenomeno-direita.htm> Acesso em:15 de junho de 2024

<sup>46</sup> *Ibid.*

cultura Hip Hop, nesse caso específico, corroboram para o fortalecimento de jovens em seus ideais para a construção de um presente/futuro diferente.

Apesar da barbárie sofrida durante o governo de Bolsonaro, que foi baseado em negar a ciência e conseqüentemente nos jogar na realidade devastadora que foi a Pandemia da Covid -19 no Brasil, pudemos observar a força das vozes que buscam questionar e reivindicar o direito à existência. Como dito anteriormente, quando o próprio artista Djonga, se desloca para manifestações em prol de vidas negras enquanto vivemos um momento inimaginável no mundo, demonstra a violência que o Estado impõe à população pobre e negra, que nos força a nos mover e lutar em favor de nossa sobrevivência.

Na hora do julgamento, Deus é preto e brasileiro  
 E pra salvar o país, cristão, ex-militar  
 Que acha que mulher reunida é puteiro  
 Machista 'tá osso  
 E até eu que sou cachorro não consigo mais roer  
 E esse castelo vai ruir, e eles são fracos, vão chorar até se não doer  
 Não queremos ser o futuro, somos o presente  
 Na chamada a professora diz, "Pantera Negra"  
 Eu respondo, "Presente"<sup>47</sup> (DJONGA, 2017, Olho de Tigre)

A Cultura Hip Hop, através do Rap, então reforça essa ideia de completude a partir do sujeito agente no movimento, nesse caso, Djonga, como sujeito formador de opinião que movimenta a sociedade não só a partir de suas rimas, mas também com suas ações enquanto cidadão em prol dessa resistência.

Como Roberto Camargos explica:

O engajamento no rap se espraia em um conjunto de ações, valores, práticas, discursos que estendem o seu raio de ação às relações entre música e sociedade, entre cultura e política. A construção do sujeito engajado se efetua por meio do compartilhamento da visão segundo a qual o músico, graças às suas obras, participa de modo direto e pleno do processo social.<sup>48</sup> (2011, p.70)

<sup>47</sup>"Olho de Tigre". Djonga. Perfil #22. Malive e Slim, 2017. <https://www.letras.mus.br/djonga/olho-de-tigre/> 20 de junho de 2023

<sup>48</sup>CAMARGOS DE OLIVEIRA, Roberto. Música e Política: Percepções da vida social brasileira no Rap. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p.70

O Rap se estabelece então, como força contrária, que sobrevive e reivindica o espaço social, a partir de suas rimas, mas não somente isso, com atitudes que corroboram com essa força motriz.

Quando vemos Djonga ocupando espaços que até então eram restritos a branquitude, conseguimos entender a “pedagogia” decolonial aplicada por ele, quando canta “Falo o que tem que ser dito/Pronto pra morrer de pé, pro meu filho não viver de joelho/Cê não sabe o que é acordar com a resposta/Que pros menor daqui eu sou espelho”. É assumir a responsabilidade de construir diálogos que permitam não só a sobrevivência, mas uma realidade diferente para a juventude negra do Brasil.

E é essa internet onde os jovens reacionários se encontram para difundir ideias conservadoras que balizam o modo como eles enxergam e existem no mundo, que possibilitou que o gênero Hip Hop seja um dos mais ouvidos atualmente (cerca de 400 milhões de ouvintes no mundo todo), e que as realidades que são atravessadas pela política brasileira sejam enxergadas. Carregado de referências, o rapper Djonga hoje fala para milhões de jovens que são impactados pela realidade diariamente e que encontram em sua música um lugar de reconhecimento de dores, de luta e de força. Abram alas pro rei.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir de breve reconstituição da história do movimento Hip Hop, conseguimos entender que o conjunto de ações que estruturaram o movimento vem a partir de vivências pessoais que se misturam e se assemelham a partir da experiência do sujeito negro na sociedade. Isso diz muito a respeito do meu desejo em iniciar essa escrita; falar sobre como enxergo e experencio a vida em sociedade. Nesse sentido, conseguimos relacionar com o que Roberto Camargos fala quando explicita sobre os valores e ações que balizam o Rap, no Brasil. Rap não é só poesia ritmada, mas sim, forma de viver e enfrentar as injustiças sociais e esperar, a partir da experiência coletiva de como é estruturada a sociedade brasileira.

Partindo dessas constatações, podemos perceber que a história do Rap enquanto prática cultural muito se assemelha a outro movimento cultural que transformou a política através do “fazer arte”: o Tropicalismo. É nesse lugar que entendemos como a história do Brasil se repete e como a cultura segue sendo reivindicadora do fazer político a partir da arte.

Ainda que sejamos, constantemente, levados a essa história que se repete, através de como a manutenção das estruturas sociais do Brasil Colônia são propostas e reivindicadas pelo conservadorismo, o Rap, com sua potência de engajamento, opera com um discurso que oferece uma antítese a esse cenário, que tão recentemente vivemos no Brasil.

O Rap, então, apesar de sempre politicamente engajado, atualmente alcança outros patamares, reconhecido com potencial político, através da nova geração de rappers, em especial, Djonga.

Djonga se destaca, extrapolando o seu lugar de artista, quando, através da sua arte, desmonta a estrutura colonial em que tantas vezes somos carregados de volta, conquistando multidões que entendem que seu legado vai além de sua existência, com sua representação como voz que “grita o que estava engasgado” no peito de tantos. Seu posicionamento no mundo enquanto produtor de cultura, mostra como, através da decolonialidade, há espaço para se construir política e fazer-se ouvido.

Ao longo do texto, quando podemos ler a poesia de Djonga, conseguimos reconhecer esse espaço de construção de uma nova história, através do cantar de luta social, referências e reivindicações.

A partir disso, entendemos como a cultura pode ser força política que reforça o engajamento coletivo contra a estrutura racista e classista que a sociedade brasileira ainda vive.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine Nunes. Rap e educação, Rap é educação. Selo Negro Edições, Edição n.1, 1999, 176 p.. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=akqVPv9XJ88C&oi=fnd&pg=PA22&ots=mPeFKA8GS\\_&sig=P57nx7Ap558eg\\_LNamz9NSJjJck&redir\\_esc=y#v=onepage&q=tha%C3%ADde&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=akqVPv9XJ88C&oi=fnd&pg=PA22&ots=mPeFKA8GS_&sig=P57nx7Ap558eg_LNamz9NSJjJck&redir_esc=y#v=onepage&q=tha%C3%ADde&f=false)>.

Acesso em: 20 de junho de 2023

ANDRADE, Natalia. Nikolas Ferreira: de apagado a fenômeno na direita e deputado mais votado. UOL. 2022. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/nikolas-ferreira-fenomeno-direita.htm>> Acesso em:15 de junho de 2024

CAETANO VELOSO. *In*: Letras.mus.© 2003 - 2024. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/>> Acesso em: 15 de junho de 2024.

CAMARGOS DE OLIVEIRA, Roberto. Música e Política: Percepções da vida social brasileira no Rap. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em:<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16401/1/Diss%20Roberto.pdf>> . Acesso em 20 de maio de 2023

CEZAR DE FREITAS, Marcos; HENRIQUE DE MECENA, Elizane. Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv, Manizales , v. 10, n. 1, p. 195-203, Jan. 2012 .Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2012000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2012000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

COSTA, Maria Ivanúcia Lopes da. Das redes às ruas: O fenômeno do conservadorismo brasileiro na internet. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/170cbc2e-777f-491c-bf1f-e419b62149b3/content>>. Acesso em: 05 de junho de 2024

DJONGA. *In*: Letras.mus.© 2003 - 2024. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/djonga/>> Acesso em: 20 de abril de 2023.

DOTTA, Rafaella. A batalha que mexeu com o rap nacional: 10 anos de Duelo de MCs. Brasil de Fato MG, 2027. Disponível em: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2017/09/01/a-batalha-que-mexeu-com-o-rap-nacional-10-anos-de-duelo-de-mcs>>. Acesso em: 10 de junho 2024

EXTRA do DVD Mil Trutas, Mil Tretas. Ice Blue, Mano Brown e Roberto T. Oliveira. Sindicato Paralelo Filmes, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=slwaSi03q8>> . Acesso em 10 de out. de 2023

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos*. Tese (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.  
 FERNANDES, Lorena Ismael; FERREIRA, Camila Alves. O Movimento Escola Sem Partido: ascensão e discurso. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, Brasil, v. 10, p. 194–209, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/159234>. Acesso em: 8 de maio 2024.

FERRON, Fabio Maleronka; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Cultura e política: a criação do Ministério da Cultura na redemocratização do Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 173–193, 2019. Disponível em: [10.11606/0103-2070.ts.2019.144335](https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/144335). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/144335>.. Acesso em: 04 de abril de 2024.

GONÇALVES, Rôssi Alves. Rimas das ruas. In *Revista Z Cultural*, n.2, 2014, s.p. Disponível em: <<https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/rimas-das-ruas/>>. Acesso em: 05 de junho de 2024.

GRANDMASTER FLASH & THE FURIOS FIVE. In: *Letras.mus*.© 2003 - 2024. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/grandmaster-flash/16946/traducao.html>> Acesso em: 20 de abril de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. ESTATÍSTICA. Multidomínio. Condições de vida, desigualdade e pobreza. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html> > . Acesso em: 20 de outubro de 2023

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>> . Acesso em: 07 de junho de 2023

**HIP-HOP Evolution**. BASCUÑÁN, R., & WHEELER, D.. Canadá: Banger Films, 2016. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/80141893?trackId=255824129>>. Acesso em: 20 de junho de 2023

LEOPOLDINO, Ana Beatriz Tenente. "Vivendo acima do topo, não diga que não notou": Uma análise de trechos de letras de Rap e as narrativas de ascensão social para a juventude negra periférica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/29741/1/ARTIGO%20T>>

[CC%20%20-%20Ana%20Beatriz%20Tenente%20Leopoldino%20%20.pdf>](#).

Acesso em: 07 de novembro de 2023

LOURENCO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 19, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de outubro de 2023

PASQUINI, Patrícia. Estudo diz que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news. Valor Econômico. Grupo Globo. 2018. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml>> Acesso em: 15 de junho de 2024

PIRES, João Rodrigo Xavier. Da Tropicália ao Hip-Hop: Contracultura, repressão e alguns diálogos possíveis. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

RACIONAIS MC'S. In: Letras.mus.© 2003 - 2024. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/>> Acesso em: 10 de novembro de 2023.

RODRIGUES, Matheus. Rapper L7NNON fala de racismo e desabafa após levar 'dura' da polícia na Zona Sul do Rio: 'Me cansa'. G1 Globo. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/29/rapper-l7nnon-fala-de-racismo-e-desabafa-apos-levar-dura-da-policia-na-zona-sul-do-rio-me-cansa.ghtml>> Acesso em 03 de julho de 2024.

SALLES, Stéfano. Cerca de 8% da população brasileira mora em favelas, diz Instituto Locomotiva. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

SARTORI, C. e MARTINI, P. Bolsonaro rebaixou Cultura e a transformou em trincheira ideológica. Valor Econômico. Grupo Globo. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/26/bolsonaro-rebaixou-cultura-e-a-transformou-em-trincheira-ideologica.ghtml>> Acesso em: 20 de abril de 2024.

SCHREIBER, Mariana. Dez anos de junho de 2013: os efeitos dos protestos que abalaram o Brasil. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv281p5znrjo>>. Acesso em: 20 de maio de 2024

THAYDE E DJ HUM. In: Letras.mus.© 2003 - 2024. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/thaide-e-dj-hum/186792>> Acesso em: 10 de novembro de 2023.

WELLER, W.; BASSALO, L. D. M. B.. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, p. 391–408, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.023>>

>. Acesso em 13 de junho de 2024